

DESCENDÊNCIAS

M A G A Z I N E





Consultoria fiscal e de gestão

Business Adviser, Gabinete de Contabilidade
Processamento de Salários, apoio fiscal e ao estatuto RNH
Duas décadas a apoiar empresas



p/ 06 e 07.

AILD, uma ponte entre Portugal e as Comunidades Portuguesas
Por José Governo
Os Lusodescendentes
Por Philippe Fernandes, Presidente da AILD

p/ 14.

Grande Entrevista
José Augusto Duarte
Embaixador de Portugal em França

p/ 40.

Artes e Artistas Lusos Norberto Gonçalves da Cruz
Por Terry Costa, Presidente do Conselho Cultural da AILD

N E S T A E D I Ç Ã O

p/ 48.

Centros de Competência da Diáspora Portuguesa
Por Conselho da Diáspora Portuguesa

p/ 50.

Ambiente "Com a casa às costas"
Por Vítor Afonso

p/ 62.

Saúde e bem estar Teatro e Saúde Mental
Por Eduarda Oliveira

Obra de capa

Artista Plástica: Cristina Troufa

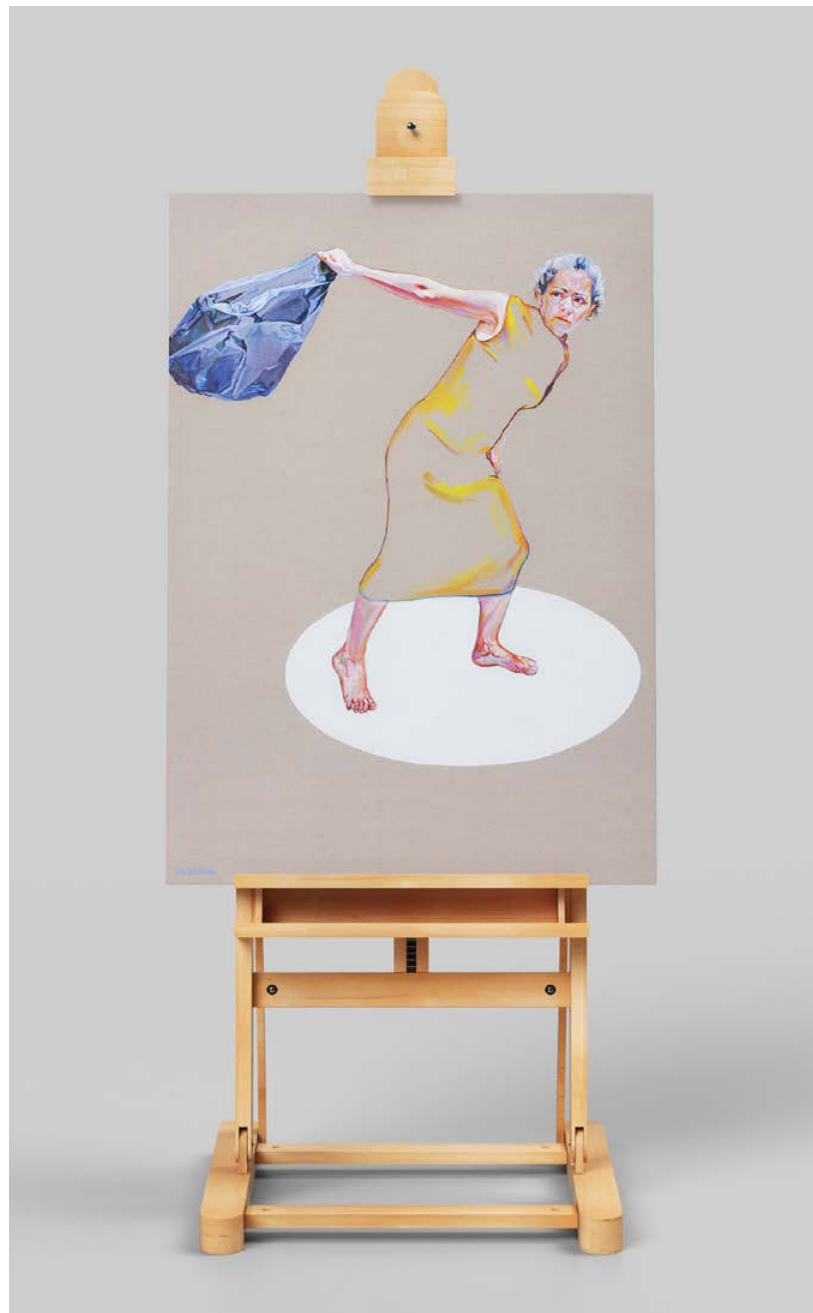
Dimensões: 100 x 80 cm

Técnica: Acrílico sobre tela

Desapego

Tal flor que não sabe a textura das próprias pétalas, um dia a pessoa acorda transformada em cola universal. A pele é um íman que tudo atrai: do beijo ao murro, da alegria ao cansaço, do perfume à imundície. Aceitou tudo, disse sim e certamente e claro e evidentemente e decerto... Amadurecer é aprender a recusar, é recusar-se. Debaixo do holofote do amor, rodopia os espinhos e os excessos e arremessa-os ao vento, mostra o desprendimento do mundo e desliga. O essencial é o pulsar do coração.

Pedro Almeida Maia,
escritor



obrasdecapa.pt

F T

Diretora Fátima Magalhães | **Diretora Adjunta** Gilda Pereira | **Editores** Carolina Cunha, Carolina Muralha, Cristina Passas, Diana Correia, Eduarda Oliveira, Flávio Alves Martins, João Vieira, José Governo, Mafalda Lourenço, Marco Neves, Maria do Carmo Mendes, Marinela Cerqueira, Marta Costa, Melissa da Silva, Paula Cristina Veiga, Philippe Fernandes, Sílvia Faria de Bastos, Vitor Afonso | **Revisão** Fátima Pinheiro | **Design Gráfico** Amostra de Letras | **Estatuto editorial** <https://descendencias.pt/estatuto-editorial/> | **Editor e Proprietário** Amostra de Letras Lda, NIF 515975591 | **Administração** Fátima Magalhães - 100% capital | **Periodicidade** Mensal | **Contactos** E: info@descendencias.pt W: descendencias.pt T: 309 921 350 | **Publicidade** E: publicidade@descendencias.pt | **Anúncios** A Amostra de Letras Lda, não é responsável pelo conteúdo dos anúncios nem pela

exatidão das características e propriedades dos produtos e/ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade com a realidade são da integral e exclusiva responsabilidade dos anunciantes e agências ou empresas publicitárias | **Direitos** Em virtude do disposto no artigo 68º n.º 2, i) e j), artigo 75º n.º 2, m) do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos artigos 10º e 10º Bis da Conv. de Berna, são expressamente proibidas a reprodução, a distribuição, a comunicação pública ou colocação à disposição, da totalidade ou parte dos conteúdos desta publicação, com fins comerciais diretos ou indiretos, em qualquer suporte e por qualquer meio técnico, sem a autorização da Amostra de Letras Lda | **Sede Editor/Redação** Rua dos Almocreves, 44 4455-029 Lavra - Matosinhos | **Registo ERC** 127522 | **Edição** 46, outubro 2024 - GRATUITA.

Editorial

Caros Leitores

Cristina Troufa não pára de nos surpreender, “Desapego”, magnificante! Iniciamos este outono com um admirável texto do Pedro Almeida Maia – já aqui ao lado – não perca a leitura. Falamos de pontes, de lusodescendentes e de gestão de pessoas. O Embaixador de Portugal em França, José Augusto Duarte, é o grande entrevistado deste mês, e de leitura obrigatória.

Deixamos um novo apelo à revisão da lei eleitoral para os portugueses residentes no estrangeiro, feito pelo Conselheiro António Oliveira e enaltecemos a poesia de Calane da Silva, vencedor do Prémio José Craveirinha, o maior galardão literário moçambicano. Trazemos o depoimento de Fátima Lourenço da Silva que desempenhou diversos cargos no Ministério da Educação de Angola. Músico, produtor e compositor português, Norberto Gonçalves da Cruz é dos nomes maiores e referência nos bandolinistas de maior prestígio internacional. O Conselho da Diáspora Portuguesa apresenta uma nova iniciativa. Não

se esqueça de espreitar. “Com a casa às costas” é um impressionante artigo que nos leva pelas deslocações em massa de todos aqueles que foram obrigados a abandonar as suas casas, da autoria do Vítor Afonso. Para ler e partilhar, sem dúvida.

Seguimos com as dicas de bem-estar para os mais novos e meditamos pela escrita única do António Manuel Monteiro no outono e em “alguns recitais cinegéticos”. Teatro e saúde mental, uma combinação que já vem do século XVIII. A descobrir!

Revelamos o futuro próximo da Fundação AEP e da Rede Global da Diáspora e com muito orgulho apresentamos Helena Corrêa de Barros, pela mão do Arquivo Municipal de Lisboa. Passados 12 anos a Cristina e o Luís decidiram regressar a Portugal e afinal beijinho grande é erro de português? Fechamos com o teletrabalho que já nos parece tão distante, felizmente!

Marcamos novo encontro para novembro.



Gilda Pereira
Diretora Adjunta

A C O N T E C E U

AILD: Uma Ponte entre Portugal e as Comunidades Portuguesas

Não nos cansamos de mencionar a Importância das comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo, e portanto, é por essa mesma importância, que existe a necessidade de uma organização que as represente e as una, tendo sido precisamente essa a motivação pela qual nasceu a AILD nasceu. Unir e representar todos os lusodescendentes, contribuir para o desenvolvimento de um espírito de solidariedade e apoio, promover a cultura, a língua e as tradições portuguesas, facilitar a integração dos lusodescendentes nos países de acolhimento, e fortalecer os laços entre Portugal e as Comunidades Portuguesas. São estes os desafios que nos move.

Relativamente à nossa ação e perspectivas futuras, continuamos empenhados:

- Na expansão da rede de delegações da AILD pelos vários países onde temos comunidades portuguesas;
- Aprofundamento das parcerias existentes e criação de novas parcerias portuguesas e internacionais;
- Desenvolvimento de novos projetos;
- Contributo para o fortalecimento da identidade portuguesa

além-fronteiras;

- Apoio ao movimento associativo das comunidades portuguesas.

A cada ano a AILD tem vindo a registar um crescimento considerável e que muito nos satisfaz, com um impacto verificável no aumento significativo do número de associados, e no crescimento da nossa rede. E a AILD tem vindo a ganhar relevância também pelos desafios que hoje o movimento associativo das comunidades portuguesas enfrenta, mas que continua a ser de extrema importância para as comunidades portuguesas.

Que desafios são esses que o movimento associativo das comunidades portuguesas enfrenta:

- Muitas associações enfrentam o desafio do envelhecimento dos seus membros mais ativos, e que pode levar à falta de renovação e à dificuldade de atrair novos membros, especialmente os mais jovens;
- As comunidades portuguesas estão hoje em constante mutação, com novos fluxos migratórios e novas gerações com diferentes necessidades e expectativas, necessitando de uma nova adaptação a estas mudanças;
- As redes sociais e outras plataformas digitais oferecem novas

formas de conexão e interação, competindo diretamente com as associações tradicionais;

- Muitas associações enfrentam hoje dificuldades financeiras o que limita a capacidade de oferecer serviços e atividades;
- Em alguns casos, existe ainda a falta de reconhecimento institucional necessário para desenvolver os seus projetos. Para superar estes desafios e continuar a desempenhar um papel relevante, o movimento das comunidades portuguesas precisa de renovar-se; digitalizar-se; diversificar as fontes de financiamento; fortalecer as redes, colaborando com outras associações e instituições; e representar os interesses das comunidades portuguesas junto das autoridades e da sociedade civil.

O futuro do movimento das comunidades portuguesas é promissor, mas depende da capacidade das associações de se adaptarem às mudanças e de responderem aos desafios que se colocam, mas também, do necessário apoio das autoridades portuguesas.

“Quem caminha sozinho pode até chegar mais rápido, mas aquele que vai acompanhado, com certeza vai mais longe.” (Clarice Lispector)

É muito difícil não encontrarmos lusodescendentes em qualquer parte do mundo, bem, até pode ser muito difícil, pois os portugueses sempre tiveram o dom de se integrarem nas sociedades onde vivem, miscigenando-se com os nativos locais. Os lusodescendentes carregam consigo uma herança rica, que combina a tradição e os valores culturais de Portugal com as influências das diversas nações onde se estabeleceram. A Associação Internacional dos Lusodescendentes surge como um elo vital, conectando pessoas, histórias e culturas, enquanto promove o diálogo e a preservação dessa identidade singular. Esperamos com esta revista, oferecer um espaço de reflexão e partilha, onde podemos

conhecer os lusodescendentes dos quatro cantos do mundo. Queremos que seja uma plataforma de encontro, reencontro, onde as múltiplas vozes dos lusodescendentes ao redor do globo possam ecoar, fortalecendo os laços entre Portugal e as suas comunidades espalhadas pelo mundo. Além disso, propomos também promover discussões sobre o impacto social, cultural e económico da lusodescendência na atualidade, destacando o papel fundamental que esses indivíduos desempenham nas suas sociedades.

A preservação da língua portuguesa, a valorização das tradições, e a perpetuação da memória coletiva são temas recorrentes nas histórias dos nossos

| A I L D

Os lusodescendentes

associados. Traremos relatos de lusodescendentes que, por meio da arte, da educação, do empreendedorismo e da política, têm contribuído significativamente para a construção de pontes entre as culturas. Queremos inspirar uma nova geração de lusodescendentes a abraçar essa identidade multifacetada, enquanto olhamos para o futuro com otimismo e propósito. Além disso, é crucial refletirmos sobre os desafios enfrentados pela nossa comunidade, desde a integração em diferentes sociedades até a preservação de nossa identidade num mundo cada vez mais globalizado. Como nos podemos adaptar sem perder o que nos torna úni-

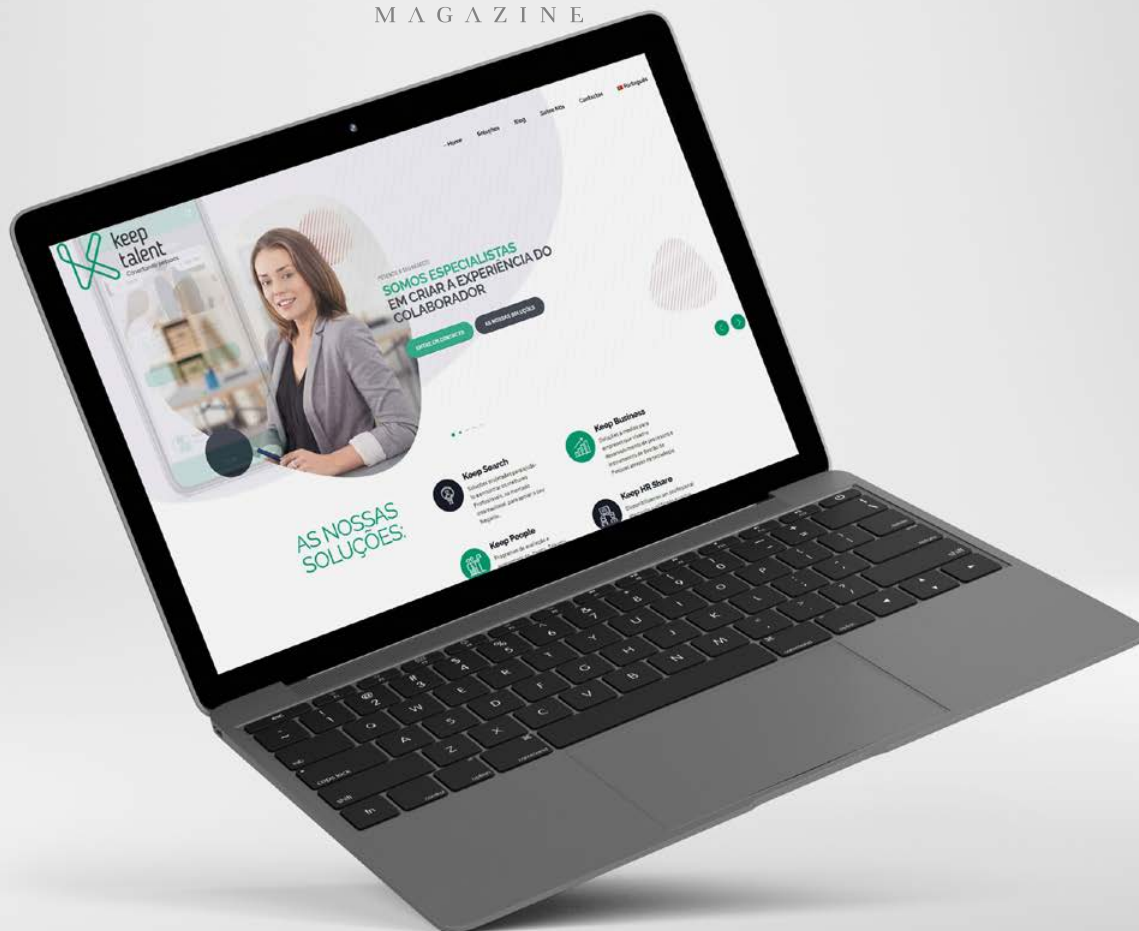
cos? Como podemos usar nossa herança para promover a união e a compreensão entre culturas?

Contamos com todos para promover um diálogo contínuo, para partilharem as suas histórias a se inspirarem uns nos outros. Juntos, podemos fortalecer a nossa rede de lusodescendentes e continuar a contribuir, de maneira significativa, para a diversidade cultural global.

Afinal, ser lusodescendente é mais do que apenas uma herança; é uma celebração da nossa capacidade de conectar o passado e o presente, de navegar entre diferentes mundos e de construir um futuro que honre as nossas raízes.



Philippe Fernandes
Presidente da AILD



EMPRESA ASSOCIADA

KeepTalent

Pode-nos contar um pouco sobre o seu percurso profissional antes de se tornar CEO da KeepTalent Portugal?

Isso é uma longa história... Mas, resumidamente, há muitos muitos anos... (risos) eu entrei nas empresas pela “porta da formação” e rapidamente passei a assumir funções de direção, primeiro na formação, e mais tarde enquanto diretor de recursos humanos. Fui diretor de recursos humanos (de “Pessoas”, como agora gostamos de chamar à área) durante quase trinta anos em várias empresas de grande dimensão em Portugal e com uma experiência multinacional. Estive ligado a vários setores de atividade, mas acabei por “andar” muito no setor dos transportes e, mais concretamente, nas várias áreas do setor da aviação onde estive a maior parte do tempo. Entretanto, tive também uma experiência enquanto administrador executivo de uma empresa, onde cumprí um mandato de três anos, tendo sido um dos primeiros DRHs em Portugal a “sentar-se no Conselho de Administração” de uma empresa. Em 2021, no meio da pandemia, resolvi deixar

definitivamente este mundo das empresas enquanto DRH e resolvi “passar para o outro lado” enquanto consultor de empresas e de gestores de pessoas.

Como foi a transição de uma carreira de 30 anos em Recursos Humanos para a liderança da KeepTalent Portugal? Quais foram os maiores desafios?

Diria que a transição foi muito pacífica. Eu, não só com a minha “rodagem” de quase trinta anos a viver as “dores” de uma área tão crítica para as empresas, mas também pela minha já longa experiência enquanto docente universitário, “estudioso” e autor de várias obras, “agente muito ativo” nos meios associativos nacionais e sobretudo internacionais com outros gestores, consegui rapidamente passar para o lado “mais fácil” (diria eu) de, sentindo as “dores dos outros” poder ajudá-los primeiro a compreender os problemas e ajudá-los a encontrar boas soluções para os vários desafios... O segredo julgo, passa pela minha consciência que serei



Pedro Ramos, CEO da Keeptalent Portugal

sempre aluno, sempre professor ou, melhor, “compartilhador” (desculpem a tradução livre da expressão espanhola de “compartir” que gosto imenso!) de conhecimento e experiências e eterno mobilizador das melhores práticas em cada momento. Depois, há aquela “coisa” de que o que parece simples, afinal dá mesmo muito trabalho. Trabalhar, trabalhar, trabalhar... é mesmo o segredo.

O que o motivou a trazer a Keeptalent para Portugal, e como vê o crescimento da empresa no mercado português?

Há época havia duas hipóteses: ou constituir uma empresa de consultoria de novo e de raiz ou, até porque eu já tinha essa vontade até pela minha profunda ligação ao Brasil, havia a hipótese de trazer uma empresa que já existe desde 2008 e que nasceu numa cidade chamada Blumenau em Santa Catarina, fazendo crescer o conceito ajustado aos vários mercados da lusofonia. E foi assim que aconteceu... Fundei com o meu sócio a Keeptalent Portugal como uma empresa de consultoria em gestão de pessoas que, para além de recrutamento nacional e internacional, também desenvolvesse todas as dimensões do desenvolvimento das Pessoas das em-

presas com o objetivo de as ligar mais ao negócio. Pessoas e Negócios é, na verdade, a nossa “fórmula mágica” para que as empresas consigam proporcionar boas experiências aos seus colaboradores, ao mesmo tempo que as alinham mais ao negócio produzindo mais e melhores resultados. Crescemos muito rápido com o negócio de recrutamento internacional, em busca de profissionais qualificados e bem em falta em Portugal, e logo avançamos também para os mercados de Cabo Verde, Angola e Moçambique com outro tipo de serviços de consultoria estratégica, reformulação de processos de articulação das pessoas, reformulação dos propósitos e valores das empresas, construção de modelos de competências, desenvolvimento de lideranças, entre outros. Posteriormente, introduzimos uma forte componente tecnológica (pois sem tecnologia não se consegue hoje potenciar estes processos nas organizações) e mais recentemente a partir da experiência dos colaboradores, desenvolvemos bastante as áreas de bem-estar e felicidade organizacional, ajudando as empresas a construírem os seus planos estratégicos nesta área. Assumimos, desde sempre, que o nosso mercado é global. Portugal é demasiado pequeno para potenciar crescimentos sustentados.



Quais foram as principais lições que retirou do seu trabalho em diferentes mercados internacionais, como o Brasil e países africanos?

Trabalhar em mercados internacionais tão distintos, como o Brasil e países africanos, proporcionou-me uma série de lições valiosas. Primeiramente, a importância da adaptabilidade. Cada mercado tem as suas próprias especificidades culturais, económicas e sociais, e é fundamental adaptar estratégias e abordagens às realidades locais.

No Brasil, percebi a relevância de uma abordagem colaborativa e humana na gestão de pessoas, dada a forte dimensão relacional do mercado de trabalho. A ênfase na inovação e no dinamismo do mercado brasileiro também me ensinou a importância de estar sempre à frente das mudanças.

Nos países africanos, como Cabo Verde e Angola, aprendi a valorizar a resiliência. Estes mercados muitas vezes enfrentam desafios estruturais, mas a criatividade e a capacidade de superação das suas populações são notáveis. A noção de crescimento sustentável e o foco no desenvolvimento de talentos locais são fundamentais para gerar impacto a longo prazo.

Por fim, uma lição transversal a todos os mercados é a valorização das pessoas. Independentemente do contexto, o

sucesso de uma organização depende sempre da sua capacidade de cuidar, motivar e desenvolver os seus colaboradores. Este princípio é universal, mas deve ser implementado com sensibilidade às particularidades de cada região.

Como é que a Keptalent diferencia as suas soluções no mercado português e em relação a outras empresas de consultoria de Recursos Humanos?

A Keptalent Portugal diferencia-se no mercado português pela combinação de proximidade ao cliente, personalização das soluções e uma abordagem inovadora que alia tecnologia e o fator humano. Ao contrário de outras consultoras, a nossa abordagem é profundamente centrada nas necessidades específicas de cada cliente, evitando soluções de 'tamanho único'. Acreditamos que cada organização tem uma identidade própria e, por isso, as nossas soluções são desenhadas à medida, com um acompanhamento muito próximo e contínuo. Além disso, apostamos fortemente na digitalização dos processos, utilizando ferramentas tecnológicas avançadas que permitem não só maior eficiência, mas também uma visão estratégica de longo prazo para a gestão de talentos. No entanto, mantemos sempre o foco no fator humano, que consideramos essencial em qualquer transformação empresarial.



Outro fator que nos distingue é o nosso conhecimento profundo do mercado nacional e internacional. Com experiência em vários países e culturas, trazemos uma perspectiva global, mas com adaptação local. Esta combinação permite-nos oferecer soluções com uma visão holística e ao mesmo tempo prática, alinhada com as tendências mais inovadoras em Recursos Humanos.

Por fim, o nosso compromisso com o desenvolvimento sustentável e a responsabilidade social corporativa são elementos centrais da nossa atuação, assegurando que criamos valor não só para as empresas, mas também para a sociedade como um todo.

Na sua opinião, quais são as principais tendências que irão moldar o futuro do mercado de trabalho em Portugal e nos países lusófonos?

O futuro do mercado de trabalho será fortemente influenciado por diversas tendências. A transformação digital e a automação continuarão a redefinir funções, exigindo novas competências e sinergia entre humanos e tecnologia. O modelo de trabalho remoto e híbrido também se consolidará, destacando a necessidade de uma boa infraestrutura,

especialmente nos países lusófonos. Outro ponto central é o foco crescente no bem-estar e na felicidade dos colaboradores, essenciais para a fidelização de talentos. As práticas de sustentabilidade e os critérios ESG (Environmental, Social, Governance) estarão cada vez mais no centro das decisões empresariais.

A educação e a requalificação contínua serão imperativas para acompanhar o ritmo das mudanças, e a promoção de ambientes de trabalho mais diversos e inclusivos ganhará ainda mais força. Finalmente, a internacionalização e a colaboração entre os países de língua portuguesa criarão um ecossistema de talentos mais conectado, impulsionando novas oportunidades.

Com o aumento da mobilidade internacional, quais os principais desafios culturais e demográficos que as empresas enfrentam ao integrar profissionais de diferentes origens?

As empresas enfrentam desafios como a diversidade cultural, que exige adaptação para respeitar diferentes valores e formas de comunicação. A verdadeira inclusão é outro ponto crucial, garantindo que profissionais de todas as origens se sintam valorizados. A gestão de equipas globais também é



desafiadora, pois requer flexibilidade para lidar com diferentes fusos horários e estilos de trabalho.

Além disso, atrair e “fidelizar” talentos globais demanda políticas adaptadas às várias realidades culturais. Por fim, a gestão de uma força de trabalho multigeracional requer ajustes que equilibrem as expectativas de diferentes faixas etárias, adaptando-se às mudanças demográficas.

A Keeptalent tem uma abordagem inovadora na gestão de pessoas. Pode partilhar um exemplo de um projeto em que essa inovação tenha feito a diferença?

Um dos casos mais marcantes (e recentes) foi com a principal empresa de telecomunicações de um dos países lusófonos. Conduzimos, num registo de cocriação, um processo de transformação completo com foco nas pessoas, começando pela redefinição do propósito e dos valores da organização. Diante dos novos desafios do mercado e do negócio, redesenhámos o novo modelo de competências, ajustando-o às exigências da era digital e à necessidade de inovação contínua. Realizamos também um assessment dos colaboradores com base nesse novo modelo de competências, o que permitiu identificar lacunas e oportunidades de desenvolvimento individuais. Esse processo não só alinhou a estratégia de gestão de pessoas aos objetivos da empresa, como também

promoveu uma cultura de maior agilidade e colaboração. O impacto foi significativo: maior alinhamento e engajamento dos colaboradores, adaptação mais rápida às mudanças e, consequentemente, melhores resultados operacionais.

Como vê o futuro da Keeptalent em Portugal e a sua expansão para outros mercados internacionais?

Vejo um futuro promissor para a Keeptalent em Portugal, especialmente à medida que aprofundamos o nosso envolvimento nas temáticas do Bem-Estar e da Felicidade Organizacional. Estamos a desenvolver uma Certificação Internacional online que será acessível a todos os países lusófonos, o que representa um passo significativo na nossa missão de promover práticas de gestão de pessoas que priorizam o bem-estar dos colaboradores.

Este programa contará com a participação de grandes individualidades mundiais, tanto como formadores como convidados, enriquecendo a experiência e o desenvolvimento dos participantes.

Acreditamos que este foco no bem-estar na felicidade não só fortalecerá a nossa presença em Portugal, como também abrirá portas em outros mercados internacionais.

O nosso compromisso é criar ambientes de trabalho mais humanos e positivos, e a expansão para outros países lusófonos

permitirá que partilhemos esta visão, adaptando as nossas soluções às necessidades locais. Estamos entusiasmados com as oportunidades que se avizinham e confiantes de que a KeepTalent será uma referência na promoção da felicidade organizacional em toda a comunidade lusófona.

Que conselhos daria a gestores que procuram melhorar o envolvimento e a valorização dos seus colaboradores no atual ambiente empresarial?

Primeiramente, é crucial promover uma comunicação aberta, onde os colaboradores se sintam à vontade para partilhar ideias e preocupações. O reconhecimento regular do desempenho, seja através de agradecimentos ou recompensas, também faz uma grande diferença na motivação.

Além disso, investir no desenvolvimento pessoal e profissional dos colaboradores através de formações e oportunidades de crescimento é fundamental. Criar um ambiente de trabalho positivo, com iniciativas que promovam a felicidade e o bem-estar, contribui para um clima organizacional saudável. Incluir os colaboradores nas decisões que os afetam e liderar pelo exemplo, mostrando empatia e apoio, são ações que aumentam o sentido de pertença e compromisso. Ao adotar estas práticas, os gestores podem fortalecer a cultura organizacional e garantir que os colaboradores se sintam valorizados e motivados.

Há alguma parceria futura que esteja particularmente entusiasmado em anunciar?

Sem dúvida, gostaria. A parceria que estabelecemos com a Academia da Felicidade ainda dará mais frutos num futuro próximo...

A AILD está a criar uma rede internacional de pessoas que se vão poder interligar e colaborar entre si. Como vê este projeto e quais as vossas expectativas?

Vejo este projeto da AILD como uma iniciativa extremamente relevante e necessária. Criar uma rede internacional de luso-

descendentes permitirá não só o fortalecimento das relações entre as comunidades espalhadas pelo mundo, mas também a criação de novas oportunidades de colaboração em áreas como a cultura, a economia, e a inovação e, claro, com impacto nos negócios...

Esta rede vai possibilitar a troca de experiências e conhecimentos, facilitando o surgimento de projetos conjuntos que poderão ter impacto positivo nas diferentes sociedades onde os luso-descendentes estão inseridos. É uma plataforma que promove a partilha de ideias e a criação de sinergias, permitindo que as raízes e a identidade lusófona se mantenham vivas, ao mesmo tempo que se projetam para o futuro.

As nossas expectativas são muito positivas. Acreditamos que esta rede tem o potencial de criar um movimento global que, para além de unir pessoas, gerará impacto a nível económico e social. Estamos entusiasmados com a possibilidade de colaborar com pessoas de diferentes áreas e países, criando uma verdadeira comunidade global que valoriza e potencia o legado lusodescendente.

Tendo em consideração que esta entrevista será lida por muitos empresários espalhados por todo o mundo, que palavras deixaria sobre a AILD relativamente a esta plataforma global?

A AILD representa uma oportunidade única para empresários e líderes de todo o mundo se conectarem com a vasta e diversa comunidade de luso-descendentes. Esta plataforma global não só promove o networking, mas também facilita a colaboração em projetos que cruzam fronteiras culturais e geográficas.

É, também, na minha opinião, uma iniciativa que permite aos empresários aceder a uma rede de talentos e oportunidades de negócio, potenciando a troca de conhecimentos, parcerias estratégicas e o desenvolvimento de novos mercados. A diversidade e o espírito empreendedor das comunidades lusodescendentes, aliados a uma plataforma que os une, poderá criar um ambiente propício à inovação e ao crescimento sustentável das organizações, das empresas e da comunidade em geral.



João Vieira

Diretor Geral AILD - Negócios & Empresas

GRANDE ENTREVISTA

JOSÉ AUGUSTO DUARTE

EMBAIXADOR DE PORTUGAL
EM FRANÇA

Num diálogo exclusivo, o embaixador analisou a relação histórica e os laços diplomáticos que, há várias décadas, unem Portugal e França, realçando a sua relevância no contexto da integração europeia e no fomento das relações comerciais. José Augusto Duarte falou ainda sobre o papel fundamental desempenhado pela Embaixada de Portugal em França na consolidação e expansão dessas relações, especialmente face aos desafios políticos e económicos que a Europa enfrenta atualmente, e abordou as estratégias desenvolvidas com vista a promover a Língua Portuguesa e a rica herança cultural de Portugal em território francês.



© António Borga

Atualmente, a Embaixada de Portugal em França desempenha um papel crucial, facilitando o diálogo, a promoção, a manutenção e o fortalecimento das relações diplomáticas, culturais, económicas e políticas entre os dois países. Como avalia a evolução das relações diplomáticas entre Portugal e França ao longo dos últimos anos?

Julgo que há dois planos principais em que essa evolução mais se faz notar. O primeiro é naturalmente o europeu. As relações entre Portugal e França têm evoluído ao ritmo da evolução da participação de Portugal e França no âmbito do processo europeu. Dentro do âmbito da União Europeia,

tem havido a transformação dos tratados daquilo que são as competências das várias instituições para aprovar legislação e isso faz, claro, com haja uma maior confluência, uma maior estratégia de aproximação entre todos os Estados. Esse é um dos elementos cruciais que tem marcado a relação entre Portugal e França, nos últimos 20/30 anos. Além disso, há outro elemento também muito importante que é a evolução das relações comerciais e económicas entre os dois países. Hoje em dia, a França é o segundo maior cliente de Portugal e é um dos maiores investidores em Portugal. Estes dois elementos têm sido muito importantes e muito favoráveis a Portugal.





Qual é atualmente o papel da Embaixada de Portugal em França no fortalecimento das relações diplomáticas e de que maneira esta tem trabalhado no sentido de promover uma cooperação mais robusta entre os dois países?

O papel da Embaixada de Portugal em França, enquanto Embaixada que se ocupa das relações bilaterais em todos os seus domínios entre Portugal e França, é aquele que está estabelecido na Convenção de Viena, sobre as relações diplomáticas, de 1968.

Nós estamos aqui para promover as relações amigáveis entre os dois Estados, para desenvolver relações nas mais diversas áreas, sejam elas no domínio da cultura, da ciência, da educação, do ensino, da economia. Estamos aqui como um elemento ao serviço do Estado português para promover essa relação e defender os interesses nacionais e da nossa comunidade presente em França.

Considerando a atual conjuntura política e económica na Europa, quais são os principais desafios que Portugal e França enfrentam na sua cooperação bilateral, e de que forma a Embaixada está trabalhar no sentido de os superar?

Portugal e França estão com os mesmos desafios a nível europeu. Temos a guerra na Ucrânia que condiciona bastante que tem consequências económicas e financeiras para o resto do continente europeu, tem consequências geopolíticas e estratégicas que nos obrigam a refletir sobre o caminho futuro que queremos traçar. Esse desafio é omnipresente em todos os Estados europeus neste momento. Mas depois, não podemos também esquecer todos os outros desafios, como as alterações climáticas ou as pressões migratórias, que são grandes desafios que nos questionam, nos levam a tomar medidas e a refletir sobre

eles. Obviamente que, o papel da Embaixada de Portugal é informar o Estado português daquilo que tem sido a evolução das posições francesas sobre os mais diversos dossiers e em que medida temos pontos de convergência e de divergência.

Como avalia o papel da União Europeia na promoção de relações económicas mais estreitas entre os Estados-Membro, e de que forma Portugal e França têm colaborado para avançar nessa direção?

Portugal e França ao estarem dentro da União Europeia fazem parte do mercado único europeu. Há um mercado de circulação de capitais, um mercado de circulação de pessoas, de bens e serviços, e, portanto esse mercado afeta a nossa relação económica. Mas afeta positivamente, porque a favorece. É mais fácil ter intercâmbios comerciais entre Portugal e França, enquanto Estados-Membro da União Europeia.

Há cada vez mais um debate, também promovido pela França, que afirma que além de sermos um mercado de consumo, precisamos também de prestar atenção aos produtores. Precisamos ser um mercado de união, não apenas de consumidores, mas também de provedores. Um debate que vai ao encontro das preocupações de muitos dos nossos cidadãos, que trabalham diariamente para produzir, que importa ouvir, para entender quais os caminhos futuros que a Europa e os Estados-Membro querem seguir.

A Embaixada assume como missão a promoção de oportunidades económicas e comerciais entre Portugal e França, incentivando o investimento mútuo e facilitando o comércio bilateral. Dito isto, de que maneira a Embaixada de Portugal se envolve com a comunidade empresarial portuguesa em França para promover oportunidades de negócios e investimentos?



© António Borga

O papel de Portugal aqui é promover a exportação de bens portugueses para o mercado francês e atrair capitais franceses para investir e criar emprego em Portugal. Cativar investimentos portugueses em França ou aumentar as exportações francesas para Portugal compete à Embaixada de França em Lisboa. O nosso papel é valorizar e promover os interesses nacionais e da comunidade portuguesa, por isso, tentamos encontrar uma série de potenciais investidores franceses para investirem mais em Portugal. Temos conseguido aumentar muito esse investimento, tendo hoje mais de 1500 empresas francesas com investimento em Portugal, que criam milhares de postos de trabalho. O nosso papel é o de continuar a manter contacto com essas empresas que já investiram, para ver se investem de novo ou se desejam fazer mais investimentos, e com aquelas que

ainda não investiram, mas que desejam seguir o exemplo das suas compatriotas francesas que já investiram. Por outro lado, estamos sempre à procura de redes de consumo e de importação de produtos para tentar importar ainda mais produtos portugueses e, obviamente, valorizar aquilo que é a produção nacional e a exportação para o mercado francês.

Com 64,8 milhões de habitantes, detentores de um elevado poder de compra, a França é a sétima economia mundial, a segunda ao nível da União Europeia, e um dos principais exportadores e importadores mundiais.

Dito isto, de que forma as empresas portuguesas têm procurado capitalizar as oportunidades económicas oferecidas pelo mercado francês?



© António Borge

Têm procurado capitalizar na medida em que exportam bastante para este mercado. Nós temos uma taxa de cobertura que ronda os 150%, o que significa que nós exportamos 1/3 a mais do que aquilo que importamos. Portanto, é uma balança comercial favorável a Portugal. Os nossos produtores têm efetivamente aproveitado as oportunidades que existem no mercado francês exportando para cá os seus produtos.

Parceiro económico de grande relevância para Portugal, a França continua a representar oportunidades de negócio em diversos setores de atividade. Quais são os setores económicos em que Portugal e França têm maior cooperação e de que forma a Embaixada contribui para impulsionar essas colaborações?

Através daquilo que são os potenciais consumidores ou investidores, estabelecendo e facilitando contactos, dando conhecimento mútuo entre entidades que poderão colaborar em áreas tão diferentes, como as ciências, as tecnologias, a investigação, entre outros. Temos feito isso em muitos domínios e promovido muito esses encontros, de uma forma discreta, mas eficaz, para que possam se conhecer mutuamente e favorecer assim a exportação de produtos portugueses para cá.

Os franceses têm sido os principais estrangeiros a comprar casas em Portugal. Esta realidade tem significado uma maior aproximação entre Portugal e França?

Nota um impacto particular nesse âmbito?



© António Borga

Não sei se a França é o principal comprador de imobiliário em Portugal, mas estará certamente entre os principais. Nós, enquanto Embaixada, não temos tido um papel ativo em divulgar possibilidades de investimento imobiliário em Portugal, porque o mercado já está de tal maneira aquecido, já há tanto interesse em investir em Portugal, que sentimos que não necessitamos de divulgar mais. Portugal, efetivamente, está na moda. É um país extremamente bem-visto, a vida em Portugal é apreciada de uma forma muito positiva pela sociedade francesa e, portanto, não precisamos fazer mais investimento nessa divulgação. Dito isto, é claro que esse investimento no imobiliário em Portugal, que leva muitos franceses a irem viver para lá, promove um conhecimento

mútuo que não existia antes. Portugal hoje é mais conhecido, é mais completo, o que favorece uma aproximação natural e genuína entre os povos.

De que forma a Embaixada de Portugal em França está a aproveitar o rápido crescimento dos setores da tecnologia e inovação para promover e fortalecer a cooperação entre Portugal e França nessas áreas? Que iniciativas específicas que têm sido implementadas nesse âmbito?

Temos visitado e conhecido muitas startups francesas, ligadas à ciência e à tecnologia, às tecnologias da informação, às tecnologias industriais mais avançadas, que temos procurado



© António Borges

colocar em contacto com as portuguesas. Também temos algumas portuguesas com investimentos muito interessantes nessas áreas tecnológicas. Aliás, temos duas empresas portuguesas com investimentos no Norte de França, que são muito interessantes naquilo que fazem para alta indústria. A capitalização de conhecimento na área industrial e captação de investimento industrial é uma área que nos interessa muito e uma área prioritária na nossa ação.

De acordo com os dados das Nações Unidas França é o país onde mais emigrantes portugueses residem, mais de 600 mil, o que representa cerca de 31% do total de emigrantes portugueses no mundo. A presença duradoura de uma tão importante comunidade faz dela um fator importante de união entre os dois povos e um parceiro privilegiado no quadro das relações bilaterais?

Sim. A comunidade portuguesa aqui é de tal forma expressiva que faz com que toda a gente oiça falar de Portugal de alguma forma. Sem dúvida, é um elemento importante a ter em conta. É um elemento que nos deu prestígio, porque é uma comunidade de trabalho, é uma comunidade que se afirmou e integrou em França pelo mérito do seu exemplo, pelo mérito do seu trabalho. Isso deu-nos prestígio como uma comunidade séria, honesta, trabalhadora, que respeita a França, que respeita as leis. E esse prestígio, obviamente, beneficia o país.

Quais são os principais programas ou iniciativas que a Embaixada implementa para promover a integração dos portugueses em França, seja em termos de emprego, habitação ou educação?



© António Borge

Não temos essa necessidade, felizmente. Teremos, certamente, alguns portugueses que não têm emprego ou que não têm habitação, mas isso não caracteriza a comunidade no seu conjunto. A comunidade portuguesa em França teve, de início, redes informais de interajuda e de cooperação, que sempre auxiliou e facilitou essa integração. Nós não temos a necessidade de promover a integração de uma comunidade que, globalmente, está integrada. É claro que há, ocasionalmente, a necessidade de apoiar casos sociais de alguma vulnerabilidade e de alguma pobreza, mas trata-se de situações pontuais, que não são características do conjunto.

Emigrar para outro país implica enfrentar uma série de desafios complexos, que vão desde a adaptação a uma nova cultura e língua até à procura por emprego, integração na comunidade local e superação de obstáculos burocráticos. Atualmente, quais são os maiores desafios que os emigrantes portugueses enfrentam em França e de que forma a Embaixada os apoia nesta fase?

Vai um pouco ao encontro do que já referi, mas deixe-me que lhe diga que hoje boa parte da nossa comunidade vem licenciada, ou seja, as características da nossa comunidade têm mudado com o tempo. Há 30/40 anos enviávamos para



© António Borge

França, sobretudo, mão de obra não qualificada, grupos sociais mais vulneráveis, com menos habilitações, com menos capacitação profissional, para realizarem trabalhos mais pesados, sobretudo, na área da construção civil e do apoio doméstico. Hoje em dia não é o caso. Hoje, uma percentagem muito significativa dos novos emigrantes que vão chegando a França são pessoas com formação superior, o que, à partida, facilita-lhes de alguma forma a integração no país.

A Embaixada de Portugal em França tem desempenhado um papel ativo na promoção cultural, procurando divulgar e celebrar a rica herança cultural portuguesa junto da comunidade francesa, através de uma grande variedade de iniciativas e

eventos que destacam a música, a arte, a literatura, o cinema e outras expressões culturais de Portugal. Quais são os principais eventos ou iniciativas apoiadas pela Embaixada para celebrar a cultura portuguesa em França?

Nós temos um plano plurianual de atividades de prioridades de atuação cultural externa. O nosso objetivo é ter uma visão mais completa da complexidade da nossa diversidade cultural. Gostamos muito de determinadas expressões artísticas, como o fado que é uma expressão única da cultura portuguesa, mas que só por si não define tudo o que é a cultura portuguesa. Existem outras expressões, sejam de cultura erudita, sejam de cultura popular, que são igualmente importantes



© António Borga

para que se tenha a ideia daquilo que é a complexidade e diversidade da expressão cultural portuguesa e da sua própria criatividade. Todas as iniciativas desenvolvidas, quer na área do teatro, quer na área da música, quer na área do cinema, fazem parte do nosso projeto de ação para a divulgação da nossa cultura por todo o país. Uma das coisas que estamos a fazer é divulgar junto dos conservatórios e teatros de toda a França, onde são feitos espetáculos de música clássica, a criação musical erudita em Portugal, que ainda não é conhecida em França. Tenho tido contacto com muitas pessoas de

áreas dentro da interpretação musical, da música clássica e erudita, e ninguém me sabe dizer o nome de um compositor português. Dito isto, nós temos que apostar mais na divulgação desta expressão que, tal como o fado, faz parte da nossa cultura.

Temos dado também grande apoio à divulgação da nossa literatura, da nossa criação artística, a arte do saber fazer, a arte das tecnologias, entre outros. São seis as áreas nas quais estamos a trabalhar de uma forma muito afincada para mudar esse paradigma a médio/longo prazo.



© António Borge

Além dos laços políticos e económicos, em que medida a dimensão cultural desempenha, atualmente, um papel importante nas relações entre Portugal e França?

É muito importante porque a França é um dos maiores consumidores de cultura do mundo. A sociedade francesa é uma sociedade sofisticada, instruída, com um sentido crítico, artístico e literário muito apurado. A sociedade francesa adere em massa a qualquer evento cultural ou artístico, tem essa curiosidade intelectual e sentido crítico muito apurado. Portanto, para o nosso próprio estatuto, enquanto Nação, precisamos divulgar a esta sociedade a complexidade, a riqueza, a diversidade da nossa própria criação artística e cultural.

De que forma a Embaixada facilita a ligação das comunidades portuguesas em França com Portugal e de que forma tem procurado incentivar os jovens portugueses em França a manterem e celebrarem suas raízes culturais portuguesas?

Temos tentado fazer um enorme esforço de mobilizar as nossas comunidades portuguesas, sobretudo os jovens, naquilo que é aprendizagem da Língua Portuguesa. A Língua Portuguesa tem estado em declínio muito acentuado, o que significa que os lusodescendentes não estudam a Língua Portuguesa. Isso, com o tempo, torna muito mais fluído o laço com Portugal. Ninguém ama verdadeiramente o seu país se não conhece a sua cultura ou não fala a sua própria



© António Borges

língua. Acho que é muito importante todos fazermos um esforço nesse sentido. Nós, enquanto comunidade, temos que fazer um esforço para haver maior interesse pela Língua Portuguesa. Acho que esse é um aspeto do nosso país que é importante desenvolver aqui e que tem ainda um espaço muito amplo de melhoria.

A língua portuguesa é uma ferramenta essencial para a preservação e transmissão da cultura nacional às gerações mais jovens. Através do ensino da língua portuguesa, as comu-

nidades portuguesas em França garantem que as tradições, valores e histórias do seu país de origem são mantidos e celebrados. De que forma a Embaixada apoia os esforços de promoção da língua portuguesa em França, especialmente no contexto educacional?

Temos feito um enorme esforço. Portugal tem mais de 100 professores, pagos pelo Estado português, que vêm para França para ensinar a Língua Portuguesa, essencialmente, às comunidades portuguesas. No entanto, temos cá 14 mil



© António Borge

alunos. Tem que ser feito um esforço conjunto. O Estado português tem de fazer o esforço de enviar os professores e a comunidade fazer o esforço de ter esse interesse.

Sei que muitas famílias, com o objetivo de facilitar a integração dos seus filhos na sociedade francesa, acabam por apenas falar francês com eles. No entanto, acho que se pode ser, simultaneamente, um exemplar cidadão francês e um bom português. Uma coisa não é incompatível com a outra. Nós podemos ser bons franceses e bons portugueses ao mesmo tempo. Podemos amar e respeitar a França e, ao mesmo tempo, ter este respeito e amor profundo pelas nossas raízes, pela nossa identidade.

A Língua Portuguesa é uma das mais faladas do mundo e é a língua que mais cresce no Hemisfério Sul. Portanto, quando aprendemos a Língua Portuguesa ficamos com um instrumento de trabalho útil no mercado internacional. Para as comunidades, aprender a Língua Portuguesa não é apenas importante por um aspeto de identidade, mas também porque se afigura cada vez mais como um importante instrumento de trabalho internacional. Aprender línguas é sem dúvida uma importante vantagem competitiva na formação dos jovens.

Em que contexto a Embaixada colabora com escolas, universidades e instituições educacionais francesas para oferecer cursos de língua portuguesa, tanto para crianças como para adultos? Quais são atualmente os programas de apoio existentes?

Temos um acordo bilateral na área do ensino, que data de 1970, e que enquadra toda essa cooperação que existe entre Portugal e França na área do ensino da Língua Portuguesa em França.

As relações universitárias bilaterais entre Portugal e França são bastante significativas e abrangem uma grande variedade de áreas de colaboração académica, pesquisa e intercâmbio. Os dois países têm um forte histórico de cooperação no campo do ensino superior, o que tem contribuído para o enriquecimento das instituições de ensino superior de ambos. Apesar das nossas relações universitárias bilaterais serem boas, ainda podem ser mais fortalecidas? Por onde poderia passar essa estratégia?

Acho que podem ser ainda muito beneficiadas. Acho que podemos ter mais estudantes portugueses a vir fazer Erasmus em França e podemos ter mais estudantes franceses a irem fazer Erasmus a Portugal. Considero que temos capacidade para acolher mais estudantes franceses lá, temos

certamente que fazer ainda algum esforço para motivar as autoridades francesas para abrirem vagas para o ensino da Língua Portuguesa, dentro dos quadros oficiais, para cidadãos franceses que queiram aprender. Além disso, temos certamente possibilidade de fazer mais investigação conjunta. Temos visitado vários centros universitários de investigação em áreas mais avançadas que, apesar de terem portugueses a trabalhar lá, não têm eles próprios contactos com entidades universitárias avançadas ou institutos de experimentação tecnológica mais avançados.

Portanto, é uma área onde temos um caminho longo para percorrer e onde podemos aumentar ainda mais essa cooperação.

Perante os atuais desafios geopolíticos e económicos, precisamos mais do que nunca de contar com a relação excepcional que une França e Portugal através da cultura, mas também através da academia?

Sim, sem dúvida. Estamos sensibilizados para essa importância, mas temos que ter vontade dos dois lados. Nós temos que ter interesse por aquilo que se faz em França nas mais diversas áreas da investigação académica, mas também temos de ser interessantes para os franceses. Acho que temos um trabalho mútuo de grande potencial.





© António Borga

Quais são os planos específicos da Embaixada de Portugal em França para fortalecer ainda mais as relações bilaterais entre os dois países nos próximos anos, especialmente em áreas-chave como política, economia, cultura e educação?

Acho que há uma parte fundamental que é o reforço dos contactos institucionais. Acho que a sociedade civil francesa e a portuguesa têm um contacto fluído e natural, que favorece muito as trocas comerciais. Do ponto de vista institucional, temos um contacto muito estreito no âmbito da União Europeia. Portugal converge maioritariamente naquilo que são as propostas em debate no Conselho. Dito isto, não temos os instrumentos legais que a França tem com outros países e

que Portugal também tem com outros países, mas que não temos bilateralmente. Portugal tem Cimeiras Bilaterais com o Governo Espanhol, por exemplo. Isso cria uma proximidade de muito grande entre as administrações dos dois Estados e uma interação e dinâmica muito particular.

Acho que poderia ser interessante pensarmos na possibilidade de ter esse tipo de encontros bilaterais, com parte do Governo português e parte do Governo francês, para criar uma dinâmica a nível político e entre as administrações de cada um. Isso seria importante, porque nos aproximaria em todas as áreas. Acho que seria uma aposta importante a fazer no futuro para dar outra dinâmica e outra ambição, à relação histórica de excelência entre Portugal e França.

| CONSELHO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

Alteração da lei eleitoral para os portugueses residentes no estrangeiro, deve ser uma prioridade para o governo!



Como Conselheiro eleito para as Comunidades Portuguesas na área consular de Paris em novembro de 2023 tenho uma reivindicação que não somente é minha mas que toca milhares para não dizer milhões de portugueses que vivem no estrangeiro: a alteração da lei eleitoral para que o que aconteceu nas últimas eleições legislativas deste ano e sobretudo a anulação de milhares de votos nas legislativas de

2022 que obrigou à repetição do voto no estrangeiro não se venha a repetir.

Os diferentes partidos que governaram nestas últimas décadas, todos eles fizeram muitas promessas para alterar a lei mas uma vez no poder têm esquecido esse compromisso perante os eleitores da diáspora a tal ponto que os

portugueses começam a desconfiar da falta de vontade por parte desses políticos para que essa lei vá avante !

Nada ou pouco tem sido feito para facilitar o voto dos portugueses da diáspora. Depois queixam-se que os portugueses não votam!

Isto dito, para ser honesto, temos que confessar que houve uma medida positiva tomada pelo precedente Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, José Luís Carneiro: o recenseamento automático. O número de eleitores passou de qualquer coisa como 300 mil inscritos para 1 milhão e 500 mil.

Esta medida foi positiva mas agora é preciso ir mais além.

Primeiramente, o voto deve ser uniformizado. Hoje para votar para as presenciais o voto é presencial, isto é, o eleitor tem que se deslocar aos Consulados que podem ficar a 500 km em França e imagino muito mais em certos outros países. Quem vai deslocar-se a estas distâncias? Para as legislativas, pode ser presencial se tiver feito o pedido nos Consulados meses antes ou por correspondência. Para as europeias, o voto é

presencial mas o eleitor nos países da UE podem também optar por votar para candidatos do país onde residem. Tudo isto é confuso e perturbador para qualquer eleitor.

Além da uniformização do voto, deve-se facilitar o voto. Uma das soluções é o voto eletrónico remoto.

O governo de António Costa apresentou um projeto de resolução no qual recomendava que se realizasse uma experiência de voto eletrónico presencial em mobilidade nos círculos eleitorais das comunidades baseando-se na experiência que se realizou no distrito de Évora por ocasião das eleições para o parlamento Europeu em 2019, em que se associou o voto eletrónico presencial ao voto em mobilidade, o que se tornou possível devido à desmaterialização dos cadernos eleitorais. Isto significa que um eleitor pode votar numa secção de voto diferente daquela em que está registado. Um eleitor recenseado em Paris, pode votar em Genebra ou numa outra área consular do círculo da Europa e de igual modo fora da Europa.

No seguimento desta lógica, porque não votar, além dos consulados ou consulados honorários, em certos locais como nas câmaras no estrangeiro como o que acontece para as eleições marroquinas ou argelinas em França?



Este projeto pode melhorar a participação eleitoral mas fica muito aquém do esperado para continuar a aumentar o número de votantes no estrangeiro. Eu penso que a solução é o voto eletrónico remoto, isto é que os eleitores possam votar de maneira eletrónica a partir de casa. Sabemos que este tipo de voto possa colocar problemas de segurança mas a Administração deve propor tecnicamente soluções fiáveis e seguras com códigos enviados aos eleitores como o que já acontece com outro tipo de votação como o votos para os sindicatos por exemplo.

Esperemos que o atual governo que muito criticou o governo anterior de não ter posto em prática o voto eletrónico remoto o venha a fazer e espero que o atual Secretário de Estado, José Cesário se empenhe nesse sentido.

Se infelizmente este tipo de voto não for avante, recomendo para as legislativas que o voto por correspondência não seja de modo nenhum abandonado porque apesar de tudo é um voto fácil e fiável. Os eleitores recebem em casa um envelope registado com porte pago e basta fazer uma cruz no partido da sua escolha e enviar por correio. A única alteração que deve ser feita é que não se continue a exigir a fotocópia do bilhete de identidade ou do cartão de cidadão para evitar o que aconteceu nas últimas eleições. O envelope eleitoral é registado e vem portanto em nome do eleitor que deve ser o único a o receber e que traz uma barra de código identificador. Para melhorar a segurança preconiza-se que se possa assinar no envelope. O cartão de cidadão tem uma assinatura digital

e portanto a Comissão eleitoral poderá autenticar o eleitor. Um dos problemas assinalados do voto por correspondência é a perda do correio eleitoral devido à não comunicação de mudança de residência. Recomendo que seja feita uma campanha de informação meio ano antes da eleição para que cada eleitor recenseado no estrangeiro possa confirmar ou corrigir os endereços nas plataformas já existentes.

Faço também a recomendação para a possibilidade de votar nas eleições autarcas portuguesas para os portugueses residentes no estrangeiro mediante o recenseamento nas listas eleitorais de autarquia escolhida por diversas razões (naturalidade, pagamento de IMI, antiga residência, como acontecia no caso dos franceses residentes no estrangeiro).

Para concluir, recomendo de alterar o número de círculos fora de Portugal que são 2 e de criar pelo menos 5. Um na Europa, um na América do Norte, outro na América do sul, um na África e um na Ásia com o número de deputados em função do número de inscritos. Atualmente 4 deputados representam praticamente 5 milhões de portugueses espalhados pelo mundo. Isto é 4 deputados para representar um terço dos portugueses!

Espero como milhares de portugueses que estas propostas venham a ser levadas em conta pelo governo atual no intuito de facilitar o aumento da participação eleitoral dos portugueses no estrangeiro de modo a aumentar a sua representatividade na Assembleia da República.



António Oliveira
Conselheiro das Comunidades Portuguesas

Ainda ao Meu Irmão Carlitos

*Mano
envolveram-te em chumbo
como se blindada
a tua voz de vez se calasse.
Mas tu estás aqui
nas minhas palavras
nos meus gestos
no meu sorriso.
Continuas vivo
para além do chumbo
e da terra coalhada de cruces.
Lembras-te
de quanto odiávamos a injustiça?
Lembras-te
de quanto odiávamos os mortos inúteis?*

Calane da Silva

*Hoje
és mais um entre eles.
Na Malanga
alguns dos teus e meus grandes amigos
desapareceram para sempre.
Partiram ao teu encontro
sem balas no corpo
mas bem recheados de bacilos e álcool.
O sítio onde crescemos
morreu também.
Pás escavadoras roubaram todos os trilhos
e na próxima primavera
não haverá mais malmequeres
na ladeira de Minkokweni.
Restarás apenas tu
com a minha voz.*



© História Social de Angola

HISTÓRIA SOCIAL DE ANGOLA

Fátima Lourenço da Silva

As Fases do Ensino em Angola

Fátima Lourenço da Silva, foi identificada no início do projecto pela educação ser a força motriz do desenvolvimento. Formada em história pedagógica pertence à uma família malanjina, onde as meninas estudaram, foram professoras e desempenharam diversos cargos no Ministério da Educação de Angola ao longo da sua carreira, hoje reformadas.

Sua irmã Filomena Kitumba já depositou memórias sobre Malange, infância, educação e a experiência pedagógica. O segundo malanjino a partilhar suas memórias foi José Mena Abrantes. A leitura dos três textos e a visão e audição de dois audiovisuais representa uma descrição de Malange até os primórdios da Independência de Angola 1945-1953.

Enquanto historiadora pedagógica após a transcrição da entrevista em áudio, modificou o diálogo neste texto, resumindo e apresentando claramente o seu conhecimento e suas memórias. A História Social de Angola prevê o depósito de memórias escritas pelo depoente e embora a entrevista tenha seguido os passos dos depoimentos anteriores, recebemos esta versão que é publicada fidedignamente, sendo a original preservada como prova mas sobretudo pela riqueza e indicações de outras fontes secundárias.

A depoente orienta as suas memórias com base no sistema colonial do Estado Novo assente na discriminação dos indígenas e dos outros angolanos, cujos eixos principais eram o ensino e a produção.

Enquanto parte deste sistema, estudou e acompanhou a formação de angolanos em várias províncias, transformando o depoimento em uma descrição de uma aluna, estudante, colega, professora e pedagoga.

Começa por descrever o ensino em Angola a partir da década de 1940, detalhando a discriminação imposta aos angolanos assentes em escolas das Missões católicas e em escolas públicas e os instrumentos de controlo e discriminação. Sendo um deles, pedagógico: O Exame de Admissão às escolas técnico profissionais e aos Liceus após a 4ª classe (I Nível de Escolaridade).

A Igreja Católica, dominava os registos de nascimento, atra-

vés do baptismo, cuja discriminação se consubstanciava em filhos legítimos: Nascidos após o casamento dos pais na Igreja ou na Conservatória Civil; legitimados nascidos antes do casamento dos pais, e ilegítimos nascidos de pais solteiros ou vivendo maritalmente, ou mesmo casado de acordo com as regras tradicionais (casamento africano).

O Ensino não era abrangente a todas as classes sociais. Os indígenas não tinham esse direito.

O acesso à escola era muito limitado para os filhos de pais solteiros. Também existia na época, o registo de pais incógnitos.

Eram as crianças cujos pais eram desconhecidos ou se furtavam a registá-los. É de salientar que essas crianças eram muito discriminadas e cresciam com muitos traumas. Orgulhosamente, destaco três conquistas da independência:

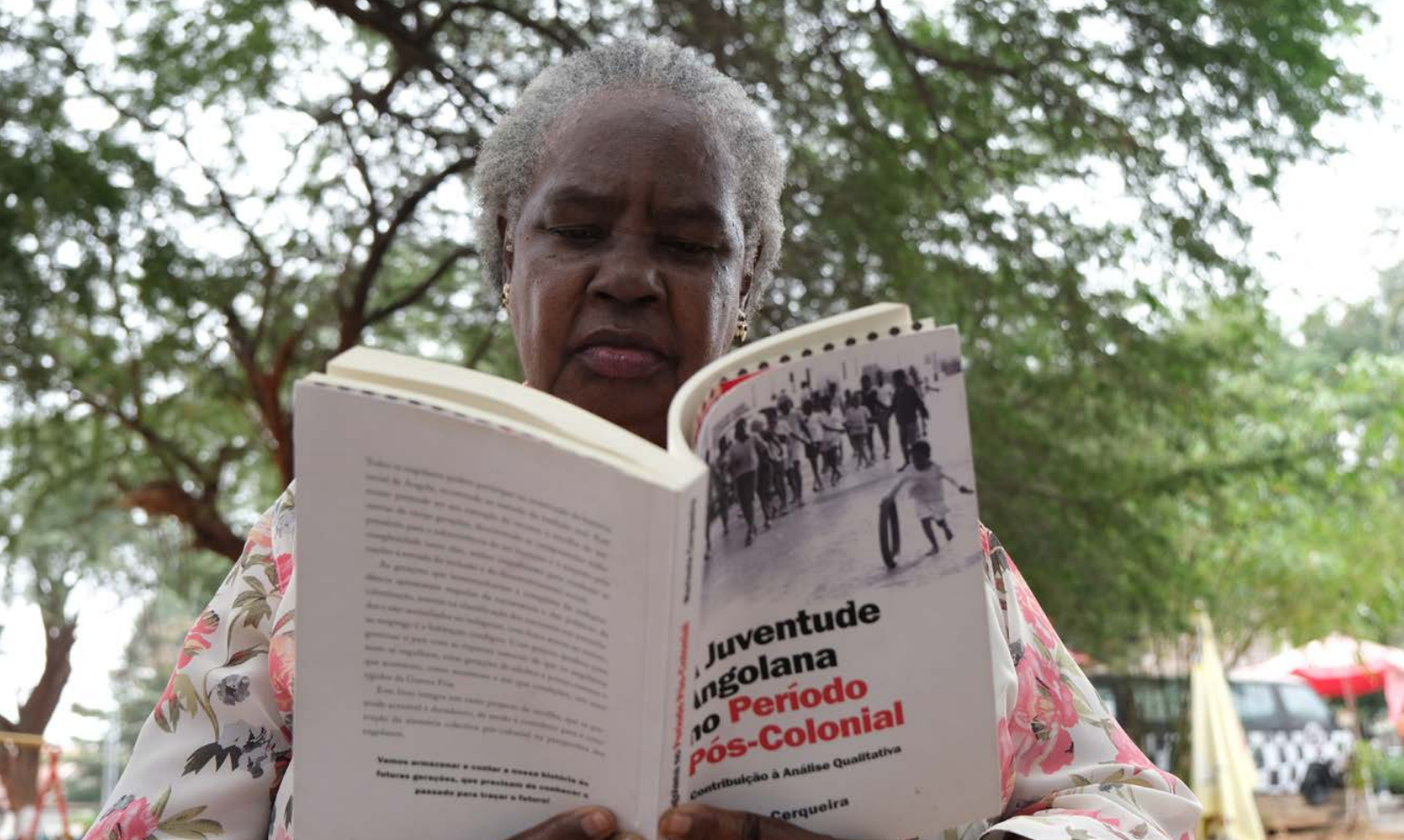
- O fim da ilegitimidade paternal e seus benefícios;
- O acesso à educação sem qualquer discriminação para todas as crianças;
- O direito ao repouso de parto para todas as mães de todos os Estados Cívicos e de todas as condições sociais.

Sublinha que, a luta contra a discriminação social da mulher prevalece em todo período pós-independência.

E sublinha que o malogrado bispo de Benguela Dom Óscar Braga, criou uma organização denominada PROMAICA (Promoção da Mulher Angola na Igreja Católica), cujo objectivo é a inclusão de todas as mulheres em todas as organizações sociais e promoção da alfabetização.

Também se referiu a criação da obra social da Maxinde, uma obra criada pelos padres BASCOS (espanhóis), em Malanje, no Bairro da Maxinde, em 1964. Esta obra visava a promoção social dos jovens adultos e crianças. E desenvolveu o despor-





© História Social de Angola

to, a formação, o profissional e a formação académica dos mais desfavorecidos, inclusive, desenvolveu muitas acções de formação feminina. Entre elas, uma equipa de basquetebol feminina juvenil que se destacou no país, antes da independência.

E sublinha que o império português mantinha a mulher em níveis sociais mais baixos e iletradas.

Apresenta outra conquista relevante da independência: o “Intercâmbio Cultural”, entre os diversos povos e as diversas culturas nacionais e o enfraquecimento do tribalismo.

O privilégio de circular e viajar pelo país era limitado até 1975 e os angolanos só foram percebendo a sua diversidade geográfica, cultural e social no fim do colonialismo.

Introdução

Eu me chamo, Noémia de Fátima Lourenço da Silva, nasci em Malanje no dia 13 de Maio de 1953, fiz o Ensino Primário na Escola n.º 108 e o curso complementar dos liceus, tendo terminado em 1973; licenciiei-me em História Pedagógica em 1985 no ISCED do Lubango.

Fui professora durante 30 anos. Leccionei o Ensino Primário, as disciplinas de História, Geografia, Língua Portuguesa e Inglês do Ensino Secundário. E também, leccionei História e Geografia no ensino médio IMNE – Cte. Cuidado em Malanje. E trabalhei no Ministério da Educação durante 10 anos.

Actualmente, desenvolvo actividades culturais e religiosas na paróquia São João Paulo II, no Sequele, Município de Cacucaco.

Período Colonial

O sistema colonial era repressivo e fascista, havia muita discriminação entre angolanos e portugueses, no que concerne a deveres e direitos. A maioria dos angolanos fazia o trabalho básico. Eram serviços mal remunerados.

O ensino nunca foi abrangente.

Havia dois tipos de escolas para o ensino primário: as Escolas Primárias Oficiais para os portugueses e assimilados e as Escolas das Missões, para os indígenas.

As escolas primárias oficiais, eram designadas por números, a nível de todo território. A escola n.º 1, foi implementada em Luanda e os números foram consecutivos noutras localidades.

A primeira escola primária de Malanje foi a n.º 25.

No fim do colonialismo, havia em Malanje, cinco (5) Escolas Primárias Oficiais: a N.º 25, a n.º 74, a n.º 87, a n.º 108 e a n.º 234.

A Igreja Metodista Unida, entrou no território angolano no século XIX, e foi instalada pela administração colonial na região do Quêssua, em Malanje. Esta região era exclusiva para a Igreja.

Lá foram construídos um hospital, uma Escola Primária e Secundária do I Ciclo e dois Internatos (um masculino e outro feminino) e, uma Escola de Formação Feminina (a Escola Doméstica), onde as meninas aprendiam a costurar, a bordar, a cozinhar diversos pratos. Também aprendiam puericultura e higiene.

O Hospital do Quéssua

No início do Séc. XX a igreja Metodista Unida, construiu no Quéssua, um hospital já apetrechado com laboratórios, bloco operatório e outros meios. Onde funcionavam médicos e outro pessoal técnico, belgas e americanos. Muita gente de várias regiões ia lá tratar-se. Os técnicos falavam com os doentes (comunicavam), em Kimbundu. E construíram umas pequenas palhotas ao redor do hospital para albergar os familiares dos doentes, quando estes ficassem internados.

A minha mãe, em 1957, sofreu uma cirurgia naquele hospital, tinha eu quatro anos e nós, meus dois irmãos mais novos, um bebé, a minha avó e uma tia nossa na altura jovem, permanecemos lá três meses. A residência tinha apenas um quarto que servia de dormitório e cozinha.

As missionárias, diariamente, traziam leite para o meu irmão bebé. A volta das palhotas, foram construídas latrinas coletivas que eram higienizadas diariamente pelos utentes.

No Quéssua, os missionários, ao contrário dos portugueses, que celebravam o culto em latim, até 1964, o culto era celebrado em Kimbundu.

Toda sua missionação foi feita na língua nacional. A utilização da nacional Kimbundu, permitiu aos missionários belgas desenvolverem melhor o seu trabalho que os portugueses.

Sublinho, muitos jovens que estudaram no Quéssua, foram dos primeiros a enfileiraram-se nos Movimentos de Libertação Nacional e começaram a lutar pela independência nacional. Entre eles, destacam-se Agostinho Neto, Deolinda Rodrigues e Hoji Ya Henda.

Muitos dirigentes do nosso governo actual, foram estudantes do Quéssua, entre eles consta, o ex-vice-presidente da República, o Sr. Bornito de Sousa. Também os missionários belgas e americanos formaram muitos enfermeiros neste hospital.

O ensino na Missão Católica

A Igreja Católica abria escolas nas aldeias e nas comunas em muitas localidades do território angolano.

Em Malanje, concretamente, no centro da cidade, ao lado da Sé Catedral, abriu uma Escola Primária só para rapazes e bem próximo, havia outra escola primária, só para raparigas.

Também, as irmãs da congregação São José do Cluny, construíram um internato para as meninas, onde aprendiam a ler, a escrever, a costurar e os princípios da Igreja Católica.

É de salientar que, nessas escolas, eram marginalizados (aceites ou não), os filhos de pais incógnitos e mesmo alguns ilegítimos.

Friso que, embora só se estudasse o Ensino Primário, os jovens saíam de lá lendo e escrevendo corretamente e falando português com fluência.

A minha mãe, só fez nesta escola, a 3ª Classe e apesar dos seus noventa (90) anos de vida, lê e escreve muito bem.

Em todas as escolas primárias, de todos os tipos, nem todos os alunos tinham direito ao exame final.

Um mês antes dos exames, os professores apuravam os mais habilitados e os que apresentavam mais debilidades, geralmente 15% não eram admitidos ao exame.

E, nos exames finais eram feitas duas provas: A escrita e a oral. Primeiro fazia-se a escrita, caso aprovasse fazia-se a oral e, caso não, reprovava.

Também, na prova oral, se reprovava.

Portanto, após ser admitido para o exame, ainda eram avaliados em duas provas.

Por essa razão, devido ao nível de exigência e ao nível dos conhecimentos adquiridos, quando uma criança ou jovem fizesse a 4ª classe, era aplaudida e a sua comunidade toda festejava.



História Social de Angola

ARTES E ARTISTAS LUSOS

Norberto Gonçalves da Cruz

[Website oficial](#)

[Facebook](#)

[Youtube](#)

[Bandolinsmadeira](#)



Norberto Gonçalves da Cruz é um músico, produtor e compositor português nascido em 1979. No seu percurso profissional conta com uma carreira de concertista reconhecida mundialmente tocando em vários países por como, Itália, Brasil, França, Bahrein, EUA, entre outros, sendo considerado entre os bandolinistas portugueses de maior prestígio internacional. Como compositor e diretor artístico colabora regularmente com várias instituições culturais criando obras e dirigindo musicais como o “Novo Mundo” (2009), “FadoTango” (2019), “A Cortina de Soller” (2020), “Ezequiel” (2021) e “Gaia” (2023). É um dos fundadores, juntamente como o Emanuele Buzi e Valdimiro Buzi, do célebre “Quintetto Anedda”, grupo que recebeu a Medalha de Representação do Presidente da República Italiana. É diretor artístico da Associação de Bandolins da Madeira, com a qual tem promovido inúmeros projetos artísticos e pedagógicos na área do bandolim e a guitarra a nível nacional e internacional. Funda em 2015 o Festival Internacional de Bandolim da Madeira.

Como e quando nasceu a ligação com a música?

Como acontece com muitos músicos, a ligação nasce no meio familiar através de meu avô. Ele sempre foi um apaixonado pela música, na verdade, foi a pessoa mais apaixonada pela música que alguma vez conheci. Mesmo sendo um músico amador, cresci com a referência dele a tocar no seu quarto quando chegava do trabalho, o bandolim e o acordeão (que eram os seus instrumentos de escolha), onde ele tirava da sua gaveta toda uma série de partituras, escritas à mão com uma caligrafia lindíssima, que ele tinha recolhido a vida toda. Ainda muito novo, quando comecei a dar os meus primeiros passos no bandolim e ele se apercebeu que eu tinha talento, começou a ensinar-me e a incentivar-me em todo o meu caminho musical, apoio do qual ele manteve até sua morte em 2023, sem nunca perder esse entusiasmo e paixão. Isso eu levo para a vida.

A descoberta do bandolim foi uma paixão ao primeiro som?

Acredito que sim. Lembro-me de gostar muito de ouvir o meu avô a tocar, ficava ao lado dele muito fascinado, não só com o som do instrumento mas com todo o ritual que ele tinha, desde

a manutenção dos instrumentos até ao manuseamento das partituras que ele cuidava como um tesouro. Em casa a música sempre esteve presente, porque os meus pais adoravam colocar discos dos mais variados tipos de música, o meu avô era muito entusiasta de fados, boleros, mazurkas e sua peça favorita era as “czardas” de Vittorio Monti. Esses foram os meus primeiros estímulos musicais na infância. Este ambiente foi fundamental para aprofundar os meus estudos na música ainda adolescente e mais tarde ir estudar e fazer carreira para Itália.

Performance, criação ou composição?

É uma excelente pergunta! Para mim não são coisas separadas, mesmo no papel de intérprete e instrumentista de bandolim sempre tive a curiosidade de saber como a música que interpretava era construída e sempre tentei conectar-me emocionalmente com o compositor, mesmo criando imagens que pudessem de alguma forma despertar emoções que me fizessem conectar com a música que estava a interpretar. Uma peça escrita, porquanto ela possa ser complexa na sua intenção e arquitetura, necessita que o músico tenha a capacidade de criar a interpretação que realmente permita gerar uma emoção no público que

a ouve, senão ela não passa de um papel escrito. É essa a responsabilidade que o músico tem em interpretar. Do ponto de vista mais literal da composição e criação a partir do zero, sempre foi algo que acompanhou paralelamente ao meu trabalho de interprete de bandom. Em Itália as aulas na universidade eram abertas a quem gostava de assistir, além dos próprios alunos desses cursos. Tive muita sorte porque à parte do meu horário das aulas oficiais, que não eram muitas (na al-

tura não havia uma carga horária muito preenchida), era comum usar o tempo restante, para preparar todo o material musical que tinha de ficar pronto todas as semanas. Eu como todos, fazia isso, concentrava-me e focava-me no trabalho que tinha que fazer e o tempo livre que sobrava ia assistir a todas as aulas. Estive quase uma década em Itália e nesse tempo além dos meus estudos assisti à direção de orquestra, música eletrônica, artes cênicas, canto, composição, músi-



ca antiga, etc. Paralelamente, fui-me afirmando como instrumentista e viajei pela Itália em diferentes projetos. Por isso tenho muito vivo e presente que a minha identidade como artista não passa só por ser um executante de bandolim, e daí todo o meu percurso musical que fiz desde que regressei a Portugal, seja na música erudita, ou experimental. Outra vertente que sempre me estimulou na criação de musicais e de concertos conceituais foi sempre a minha enorme paixão por criar e contar histórias. É algo que mesmo na música instrumental, aplico mentalmente: cada peça que toco é como se fossem histórias diferentes que se materializam na minha mente.

Quais foram as suas principais influências ao longo da sua carreira?

É interessante porque as minhas influências nunca estiveram ligadas a um género musical, pelo contrário, sempre ouvi e aprecio constantemente música de todos os géneros. Claro que tenho certos critérios que me fazem aproximar ou não de uma música ou artista, desde logo se me desperta alguma emoção, às vezes pode ser uma textura sonora, ou uma melodia ou harmonia particular. Dos músicos clássicos adoro o período barroco desde Bach, Telemann e Vivaldi mas também outros compositores que caracterizavam outras escolas do período na Europa, como Scarlatti e Lully, ou dos clássicos e românticos como Beethoven até Mussorgsky. Bebo da influência de muitos compositores que escreveram para bandolim como Calace, ou Kauffman e compositores modernos que estão a compor música lindíssima para estes instrumentos. Na música moderna adoro o rock progressivo dos anos 70 e 80, desde projetos como Emerson, Lake and Palmer, Frank Zappa, até rock mais pesado como Steve Vai, Devin Townsend e Mike Gordon. Outra vertente que amo imensamente de ouvir e descobrir coisas novas, são as músicas do mundo, a “World Music” onde cada dia descubro novas sonoridades, músicas da tradição do mundo todo e artistas maravilhosos. Também na música pop encontro coisas que gosto e tem músicos muito talentosos que tentam sempre não só mostrar o seu virtuosismo, mas também promover a inovação. Acho que o “artista” vive não só dessa necessidade de comunicar a sua música, mas também de uma procura em criar novas referências. É por isso que por exemplo quando ouço uma peça como a “Juditha Triumphans” de Vivaldi, a imagino se fosse tocada incorporando também guitarras elétricas, Oud árabe e dukus, improvisações com quartos de tom e uma texturas sonoplásticas criadas a partir da ressonância dos instrumentos por meios eletrónicos, substituindo por exemplo o fundo sonoro e a forma de improvisar sobre os “recitativos”. Se tens curiosidade suficiente e ficas aberto a procurar nesta variedade de géneros, nem o céu é mais o limite para o potencial criativo que podes realizar.





Quantas horas em média por dia pratica o instrumento?

Mantenho sempre um equilíbrio entre o “estudar”, o “ouvir” e o “tocar”. Para mim as três são importantes ter em equilíbrio. O “estudar” é o momento em que preciso focar-me na execução de certas sequências que devo praticar, procurando todos os recursos à disposição e fazendo muito trabalho de repetição, o “ouvir” está no procurar formas de me inspirar a criar uma interpretação diferente e pessoal, que depois incorporo no estudo e finalmente o “tocar” onde esqueço tudo e toco o repertório, mesmo errando, até que se torne o mais natural possível. Para mim a peça está perfeita quando desligo a mente e deixo o corpo e as emoções que incorporei fazerem o seu trabalho. Por isso para mim não vale a pena estudar 8 horas por dia se não é acompanhado de uma procura de uma inspiração de como interpretar, arriscando que fique tudo “mental”. Lembro-me que uma vez com o “Quintetto Anedda” tínhamos que tocar e gravar a peça “Esqualo” de Astor Piazzolla e para mim ficou a tarefa de tocar o solo de violino da peça, que tem a sua complexidade. Eu estudei na altura o solo como estava escrito e no momento em que ensaiamos toquei-o perfeitamente, porém, musicalmente não funcionava. Fui para casa ouvir as gravações de “Escualo” do Quinteto Tango Nuevo de Piazzolla onde o violinista Fernando Suárez Paz tocava o solo de uma forma completamente diferente ao que estamos habituados a ouvir de uma forma

mais clássica. Na altura eu estava a estudar na universidade muito repertório do período barroco e clássico, que procura uma pureza na sonoridade e ressonância, mas para tocar o solo tive de fazer uma procura do som no lado oposto, tive de procurar uma forma de tocar mais agressiva e percussiva em alguns pontos, tendo de rebater a palheta na mesma direção em notas seguidas, separar acordes a duas notas com sons abafados e que depois abriam nas frases abertas e em velocidade e tive de estudar uma forma de fazer um glissando na corda mi que tinha de terminar exatamente no harmónico solto. Ou seja faltava tudo e nada disto a partitura poderia me dizer, tive de ir a procura de uma gravação da época e tive de reinterpretar não só o solo, mas toda a forma de tocar o instrumento. Sei que trabalhei umas duas semanas e quando tocamos juntos o solo ganhou vida e mudou completamente a direção da peça. É uma das gravações que mais me orgulho e que podem ouvir no Youtube. Por isso, esse equilíbrio no “estudar”, “ouvir” e “tocar” é fundamental para mim.

Como se sentiu ao tocar ao lado de músicos tais como Andrea Bocelli, Noa, ou Plácido Domingo?

Tocar com estes artistas foi uma experiência inesquecível, o concerto com o Andrea Bocelli foi feito no Teatro del Silêncio, que é um teatro ao ar livre no meio dos campos da Toscana, no meio de uma natureza de uma beleza incrível, com uma

assistência de mais de 10.000 pessoas. Foi também por esta altura que toquei com a artista Noa, onde tocamos as partes de bandolins da música “beautiful that way”, dirigida pelo prémio Oscar Nicola Piovani. A experiência com Plácido Domingo durou mais tempo, foi no ano 2000, onde ele interpretava “Otello” (ópera de Giuseppe Verdi) no Teatro Alla Scala (existe a gravação no Youtube da opera dessa altura em que eu estava). A experiência que mais me marcou foi no final das sessões de “Otello”, quando fomos à procura do maestro para tirarmos uma fotografia, descemos para beber um café e lembro-me que ele estava a conversar com a senhora do bar que tinha a filha doente e ele cedeu o seu transporte para a levar. Depois mais tarde saiu do teatro a pé com o seu sobretudo e chapéu, depois de ter cantado aquela ópera maravilhosa. Esse foi para mim um exemplo que a grandeza de um artista e de um homem não está no fazer, mas no SER. Tive muita sorte em ter tido este tipo de experiências na minha vida, aprendi mesmo muito.

O que é o espetáculo “Gaia”?

“Gaia” (terra mãe) é um espetáculo conceptual que junta uma série de composições que criei no sentido de despertar uma reflexão sobre o mundo em que vivemos e a forma como nos colocamos nesse mundo como seres humanos. “Gaia” é um espelho da nossa complexidade como seres humanos e

de tudo à nossa volta e ao mesmo tempo é uma abordagem à simplicidade como forma de beleza mais pura. Nascendo da “Génese”, “Gaia” passa através dos elementos “Água”, “Terra”, “Ar”, “Fogo” e “Éter”, que descrevem o nosso papel e responsabilidade não só no mundo físico, como também no metafísico e da nossa relação com a espiritualidade. As composições de “Gaia” trazem uma fusão de elementos a partir dos instrumentos acústicos que utilizo, bandolim de 10 cordas, bandoloncelo, guitarra folk e elétrica, instrumentos analógicos como o moog, outros digitais realizados em composições prévias em estúdio, as vozes são utilizadas como se fossem instrumentos musicais em algumas secções e noutras foram criados cantos com letras que não são de uma língua específica, mas com palavras inventadas, de modo a encontrar fonemas que se enquadrassem com o movimento melódico dos instrumentos. Cada secção ou “elemento” tinha influências de géneros musicais diferentes, desde o sinfónico, passando pelo acústico, metal, rock progressivo e a “World Music”. Fiquei muito feliz com este espetáculo e acabei por ter um excelente feedback por parte do público com a apresentação no Brasil de três concertos.

O que o inspira nas suas criações?

Acho que são duas coisas que mais me movem: a vontade de me colocar em áreas artísticas que ainda não explorei e a mi-



GAIA

DE NORBERTO GONÇALVES DA CRUZ

15 DE DEZEMBRO ÀS 20H
AUDITÓRIO FÓRUM MACHICO

Organização/Produção
Organization/Production:



Apoios a estrutura
Structure supported by



Apoios
Supports



Parceiros
Partners





nha grande paixão em contar histórias. Uso tudo isso para me colocar sempre numa posição de continuar a aprender, e esse movimento e essa visão de sonhar acordado traz-me paz, força vital e equilíbrio. As pessoas que tenho no meu caminho e que amo, também me inspiram todos os dias.

O futuro do bandolim está assegurado nas novas gerações?

Não tenho nenhuma dúvida que sim! A música sempre foi uma necessidade humana e instrumentos como o

bandolim proporcionam hoje muitas referências, em vários géneros musicais e artistas pelo mundo, é um instrumento com um enorme potencial pedagógico para as crianças, promovendo assim a possibilidade de uma saída profissional para termos mais professores no ensino destes instrumentos e acredito que existirá sempre, quanto mais não seja pela forma como ele proporciona a possibilidade de estarmos juntos e em comunidade através da arte, como por exemplo numa orquestra. Acredito que é um instrumento hoje muito amado porque une as pessoas, e aqui na Madeira a quantidade de jovens que praticam e gostam de bandolim, é mesmo impressionante. As novas gera-



© Angelo Sousa

ções que ficam a conhecer o instrumento sabem de tudo isto e sonham já com novos horizontes.

Que concertos ainda tem previsto para este ano e o que já nos pode revelar para 2025?

Este ano no final de outubro estaremos em Itália, em novembro na Madeira com o Festival internacional de Bando-lim e para 2025 temos 3 projetos, onde dois são de criação e um de circulação: “Sonarwave.ai” que é um projeto de fusão de instrumentos acústicos com musica eletrónica e inteligência artificial, uma circulação nacional com músicas escritas pelo compositor Vincent Beer-demander para mim, para duo de bandolim e acordeão e a última, uma criação que segue o modelo que fiz com “Gaia”, chamada “Arapy Iguasu – Sinfonia dos Dois Mundos” que conta com

a participação da Orquestra Indígena do Mato Grosso do Sul numa circulação na Madeira e Portugal em agosto de 2025. Mesmo muito entusiasmado com o trabalho pela frente e com muita vontade também em fortalecer cada vez mais a ligação e projetos no futuro com os Açores.

Uma mensagem para todos os artistas do mundo.

Foco sempre nos objetivos, a arte é um terreno vasto e há lugar para todos, por isso evitem o julgamento e aprendam sempre com as situações em silêncio, desenvolvam o vosso autoconhecimento e alimentem a paixão pelo esforço e pelo trabalho, ajudem sempre todos os que puderem na vossa escalada e não tenham medo de dizer “não” para tudo o que vos desvie do caminho, e sempre, mas sempre, ouçam o vosso coração. O resto, vem naturalmente por consequência.



Terry Costa

Presidente do Conselho Cultural da AILD

CONSELHO DA DIÁSPORA PORTUGUESA

Centros de Competência da Diáspora Portuguesa

Nova Iniciativa do Conselho da Diáspora Portuguesa



Summer Meeting 2024, Conselho da Diáspora Portuguesa | 17 de julho, Palácio Cidadela, Cascais

O Conselho da Diáspora Portuguesa, no âmbito da sua Reunião de Verão (Summer Meeting) realizada no Palácio Cidadela em Cascais, lançou oficialmente uma nova iniciativa – os Centros de Competência – com o intuito de promover e capitalizar as valências das diferentes áreas de especialização de cada Conselheiro.

Os Centros de Competência, tal como os Núcleos Regionais da Diáspora, representam mais um passo na estratégia do Conselho, promovendo uma maior proximidade e inter-relação entre os seus membros para que possam, além de atuar localmente, desenvolver sinergias por setor de atividade e de maneira transversal em todo o mundo.

Com base nos atuais 12 Núcleos Regionais espalhados pelo mundo – núcleos estes lançados em 2023 e em contínua expansão com foco na organização e ação local dos Conselheiros da Diáspora –, os Centros de Competência pretendem fomentar sinergias, áreas de interesse comum e partilha de conhecimento; incentivar a realização de iniciativas temáticas; fortalecer as relações com instituições-chave na representação da diáspora portuguesa, como a AICEP, consulados e outros organismos; colaborar com as atividades dos Núcleos Regionais; compartilhar casos de sucesso (benchmarking) para potenciais investimentos ou aplicações em Portugal e/ou outras geografias

com presença do Conselho; e, contribuir para o progressivo aumento de network entre os membros da Diáspora a nível mundial, com um maior foco na criação, desenvolvimento e apoio de negócios e outras atividades institucionais, culturais, académicas e científicas dentro da rede.

A primeira fase do projeto apresenta 13 Centros de Competência, estando um coordenador atribuído a cada um dos centros. A articulação com a Direção do Conselho da Diáspora, Conselho Consultivo e resto da Organização é realizada através de três responsáveis – Pedro Pereira da Silva, Liliana Laporte e António Gonçalves.



Pedro Pereira da Silva
Responsável Centro de Competência



Cultura
Coordenador: **Cristóvão Fonseca**



Desporto
Coordenador: **Emanuel Macedo de Medeiros**



Distribuição & Retalho
Coordenador: **Diogo Caldas**



Educação
Coordenadora: **Ângela Simões**



Energias, Economia Azul & Tecnologia Climática
Coordenador: **João Graça Gomes**



Hospitalidade & Turismo
Coordenador: **Gonçalo Duarte Silva**



Infraestrutura & Imobiliário
Coordenador: **Pedro Martinho**



Liliana Laporte
Responsável Centro de Competência



Entretenimento Digital & Tecnologias de Informação
Coordenadora: **Manuela Veloso**



ESG
Coordenador: **Bruno Esgalhado**



Serviços Financeiros
Coordenador: **José Reino da Costa**



António Gonçalves
Responsável Centro de Competência



Agroalimentar, Pesca, Floresta & Aquacultura
Coordenadora: **Viviana Silva**



Automotivo, Logística & Transporte
Coordenador: **Miguel Fonseca**



Saúde, Biotecnologia & Ciências da Vida
Coordenador: **Ricardo Baptista Leite**

Sobre a iniciativa, o Presidente da Direção do Conselho da Diáspora Portuguesa, António Calçada de Sá, destaca a natureza inovadora e empreendedora do projeto e acrescenta ainda que «os Centros de Competência, tal como os Núcleos Regionais da Diáspora, são um projeto essencial à dinamização do Conselho e ao reforço e consolidação da estratégia aprovada. Envolvido no lançamento e liderança dos Núcleos Regionais desde o seu início e, agora, um dos responsáveis pelos Centros de Competência, Pedro Pereira da Silva, sublinha que estes irão «possibilitar a proximidade entre Conselheiros de áreas comuns e com experiências diferentes. É uma grande oportunidade na medida em que permitirá avaliar sinergias e interesses comuns no desenvolvimento de projetos transversais em

todo o mundo. Esta é uma mais-valia real da partilha de experiências e de conhecimento». Liliana Laporte, responsável pela implementação dos centros de competência mais corporativos acrescenta «as empresas são fundamentais para o desenvolvimento global que todos ambicionamos e as áreas do financiamento, do ESG e da digitalização e IOT são incontornáveis neste processo. Criar e motivar uma rede de conhecimento e partilha nestas áreas é vital para o sucesso». Já António Gonçalves vê este desafio como «uma oportunidade para continuarmos a afirmar Portugal no mundo nas mais diversas áreas, em particular em setores determinantes como a alimentação, a saúde e os transportes, onde temos um enorme potencial de desenvolvimento».



A M B I E N T E

“Com a casa às costas”

Os fenómenos climáticos extremos, em parte associados às alterações climáticas, a par com os conflitos armados e outras catástrofes, além da perda de vidas e elevados prejuízos materiais, têm desencadeado deslocações forçadas das populações afectadas.

As grandes catástrofes climáticas da actualidade forçam milhares de pessoas a abandonar as suas casas e o lugar onde sempre viveram para engrossarem as fileiras dos 40 milhões de refugiados, apátridas, retornados e

outros deslocados que vivem em países considerados muito expostos aos fenómenos climáticos extremos.

Para ilustrar alguns impactes resultantes de eventos relacionados com as alterações climáticas importa fazer uma breve referência às graves secas em países da Ásia, África, América do Sul e Europa Mediterrânica, assim como aos temporais e inundações na Europa e Sudeste Asiático. Além destas catástrofes, outros fenómenos

da natureza, além daqueles provocados pelo homem, têm contribuído para deslocações em massa, como é o caso dos terremotos na Turquia e Médio Oriente, dos vulcões que, de repente, poderão entrar em erupção em qualquer parte do globo, assim como dos vários conflitos armados, com destaque para as guerras entre a Rússia e a Ucrânia e Israel e o Hamas (Palestina)/Hezbollah (Líbano).

Poderemos dizer que, guerras sempre houve, mas não com





este poder destrutivo; secas e inundações sempre existiram, mas não com esta frequência e incerteza de onde poderão ocorrer. Embora haja países mais susceptíveis de serem atingidos pelas alterações climáticas, a crise é global e ninguém poderá dizer que está a salvo e ter que fazer uma migração forçada. Uma região árida pode, de repente, ser assolada por chuvas torrenciais, assim como, uma zona húmida, pode vir

a sofrer de seca extrema. Estes flagelos inesperados e com grande poder destrutivo requerem uma resposta humanitária rápida e medidas de mitigação ajustadas e efectivas por parte dos governos e ONG's. Importa referir que, dos refugiados deslocados, apenas cerca de 1% conseguem regressar às suas casas. Um número deveras preocupante, tendo em conta o elevado número de pessoas afectadas.



Esta realidade é deveras preocupante na medida em que estas populações estão em perigo no que toca a situações de violências de todo o tipo, insuficiências alimentares, falta de água potável, exposição a doenças e sob condições de vida precárias e indignas.

Perante estes factos, urge criar mecanismos que protejam estas vagas de deslocados afectados pelas alterações climá-

ticas e por outros acontecimentos graves, nomeadamente, através da rápida assistência aos deslocados proporcionando-lhes, a posteriori, as condições básicas para refazerem as suas vidas (através da facilitação do acesso a recursos e da dotação de meios físicos e económicos), assim como, as ferramentas necessárias para poderem enfrentar e mitigar as consequências de catástrofes futuras.



Vítor Afonso
Mestre em TIC



| LUSO-CRIANÇA

Dicas de bem-estar

O exercício físico é um fator regulador muito importante no equilíbrio físico e mental. Ele traz bastantes benefícios ao nosso organismo, como um todo. Melhora a circulação sanguínea, cria músculos e ossos fortes, ajuda na perda de peso excessivo e faz acelerar os ritmos cardíaco e respiratório. Para além destas funções, ele também melhora as nossas capacidades cognitivas e de memória, diminui a ansiedade e faz aumentar o nosso auto-conceito. Além disso, um significativo número de médicos e um elevado número de estudos levados a cabo pela Universidade Harvard, acreditam que o exercício físico também é preventivo de doenças como o alzheimer ou a depressão, traduzindo-se assim numa ferramenta eficaz, ao alcance de todos, para mantermos a nossa boa condição física, mental e emocional.

Para além de poderes praticar desportos coletivos com os teus amigos e colegas, sempre que possível podes caminhar pela natureza, acompanhado de familiares e animais de companhia; podes usar escadas em vez de elevadores; rodar o pescoço e articulações quando passas muito tempo no computador, respirando fundo, no sentido de relaxar e oxigenar o cérebro. O corpo humano foi feito para se movimentar e não ficar parado o dia todo, mesmo que não saias de casa.

Podes acompanhar o teu exercício físico com música a teu gosto, tornando-se mais prazerosa a atividade que escolheres, ainda que seja apenas uma pequena caminhada de meia hora, em alguns dias da semana. Reserva um pouco do teu tempo para o exercício físico!



Madalena Pires de Lima
Escritora



TRADIÇÕES LUSAS

Outono, entre outras meditações

alguns recitais cinegéticos

Estamos no Outono – a estação madura e das contas certas, as contas em que se sabe o que se colheu. É tempo de labutas calmas. As casas rurais ficaram fartas. Há batata amontoada nos sobrados para todo o ano, graduras e chicharos de repouso no pleno das arcas, passotas e figos secos para os mata-bichos que se avizinham, vinho e aguardente também não faltam pelo menos até ao próximo S. Martinho. Aviam-se viandas bastantes para acabar de cevar os marranchos [...] As pencas só esperam por uma ligeira cozedura de caramelo e os castanheiros já arreganharam o suficiente e só aguardam um vento brandinho para semear o chão de ouriçadas. Até os sequeiros estão [quase] repletos de lenhas grossas esgalhadas dos freixos e de lenha miúda para acendalhas.

Outono quente traz o diabo no ventre

O Outono é a soleira do inverno

O frio-frio ainda não se abeirou mas a porta mantém-se aberta e as manhas zúbeas de espesso cencêo já deixam as mãos engaranhadas. Já se justificam uns serões ao escano e umas atiçadelas aos guiços da borralheira enquanto se reparam os gravanos dos lagares e as pichorras do vinho [...] O outono é a estação mais calma e pintada das cores mais ricas de todo o ano. É também o passado dos frutos e o futuro das sementeiras. É presente na poda das vinhas e das árvores que se desnudaram com resignação e tranquilidade.

Quem planta no Outono leva um ano de abono

Esta ingénua alegria das ambiências rurais que estamos a desaprender e arredar das nossas memórias, na linha dos que pensam que tradição é a razão acumulada do passado, é uma celebração da racionalidade. Talvez seja por isso que a

nossa ruralidade demonstre luas de sabedoria e os stressados dos iPhones ou os ecologistas das esplanadas, as franduneiras dos centros comerciais ou as bisbilhoteiras dos chás de caridade, quanto muito, a elevem a uma vida estouvada de irracionalidade. Vem isto a propósito que ...

ninguém melhor que os nossos camponeses

sabe que a história não é estática e as tradições são filhas e não bastardas da história. E [também] sabem que... se o Outono ultimou fartura às suas casas também aprontou abasto à bicharada que proporcionará meditação culinária quando o prazer da mesa se sugerir e acomodar. Aliás não é novidade nem sapiência ousada afirmar que logo após a sedentarização o primeiro divertimento social foi a caça. Ou seja, o homem cedo compreendeu que a sua primária vocação era – simplesmente – ser feliz. Actualmente queremos acreditar que o trabalho é um fadário da vida e o divertimento a pausa necessária para que a vida não tenha o destino dos conflitos da sobrevivência. Aceito, então, que a caça pode ser um alívio ao trabalho, uma comédia à vida, um desvio à infelicidade e acima de tudo, um entusiasmo desportivo de que eu, não caçador, aproveito apenas os resultados para esta meditação gastronómica. E abono que os meus amigos caçadores não caçam para matar, matam porque caçam. Julgo mesmo que a caça é o único caso [normal] em que matar uma criatura constitui o gozo de outra. Um dia alguém me questionou

como se teria iniciado o homem na arte de caçar

ou com mais insistência, quando se terá enfeitado pelo prazer da carne [?], já que inicialmente não restarão dúvidas que terá sido bicho herbívoro. Francamente não vejo interesse em descobrir a passagem das refeições de maçãs, mel e bolotas para as primeiras provas de carne. Mas, diga-se, é muito provável que o encontro pantagruélico resultas-



se de uma pequena querela resolvida à pancada [!], em que o nosso antepassado levou de vencida a besta desafiante, com as inevitáveis dentadas e respectiva prova cárnea e regalo sanguíneo. Também não terá tardado a descobrir que facilmente poderia derrotar os seus comparsas animais, retirando-lhe os coiros e as lanadas para protecção às intempéries, os ossos e as queixadas como ferramentas guerreiras e naturalmente a chicha para satisfazer este primata prazer. Acontece que enquanto foi vegetariano não precisou do fogo nem mesmo para aclimação nos dias inverniais. (Ainda hoje seríamos uns bípedes à cata das lusas bolotas.) E sabe-se lá e de que forma descobriu o fogo ou o natural aproveitamento dos raios dos desatinos meteorológicos que haveriam de promover o uso e abuso do churrasco em parceria com outras festanças que os calores também prestam! Tratou-se da primeira grande alteração dos modos de vida

de vegetariano o homem passou a cru... dívoros imediatamente se transformou no politrófico dos nossos dias. Esta fase da nossa história – criativa na arte da astúcia e da engenharia – levou a que o homem transformasse tudo quanto podia em armas e mais tarde em instrumentos domésticos ou em artefactos para a agricultura. Com o andar dos tempos, já com o invento da agricultura e da quietude da vida caseira, urdiram-se as coutadas, apenas para reis e príncipes com as delícias das caçadas e comezainas. Seja por isso, a caça que durante tanto tempo foi livre de atrancos, a

partir do séc. IX/X, passou a privilégio das nobrezas. (Já os experientes fenícios e cartagineses presumiam que a caça era assunto de rico.) O senhor da Alta Idade Média isenta-se de preocupações agrícolas e o seu pensamento empresarial é dirigido para os tributos fiscais e receitas arrendatárias. Vocacionou-se para o lazer e para a guerra. E em tempos de paz conciliou estes perseguidos prazeres na cultura da força – a caça. Não será atrevimento nem injurioso dizer que ainda hoje a caça é uma verdadeira imagem de guerra, tanto no plano prático e técnico como no plano metafórico. Caçava também com o cuidado inerente à preservação das espécies. Caçava em ritmos sazonais.

Porém, a caça declinou os exercícios da sobrevivência em desfavor dos mais desprotegidos. Tal como no presente aquele consolo desportivo foi muitas vezes posto em causa – Buda recusa o poder à destruição de todas as formas de vida; o sábio chinês Lao-Tseu lançou maldições contra a caça; o imperador Caracalla afogava-se em lágrimas à vista dos pobres animais mortos (...) Mas, são os romanos que a bem das tradições e da jurisprudência regulamentam a caça e os malfadados impostos cinegéticos. Protegeram-se os coutos e as coutadas, a sintaxe e a gramática venatória e obviamente os fartos banquetes onde a caça era rainha. E parece que foi assim

Celso, discípulo de Hipócrates, aconselhava a carne de cervo

como fortificante para damas e matronas, Cícero, o mestre da prosa latina, rogava pelo javali nas mesas imperiais, o político Lucius Lucullus papava tordos assados ainda revestidos de penas, Heliogábalo deliciava-se com os miolos de aves-truz e o seu primo Alexandre Severo, para manter a perfeição do corpo e a inveja da sua augusta Orbiana, atascava-se de lebres (...) Até a irmã do Rei Artur lamentava a frugalidade dos jovens corços assados sem nenhum condimento ou artifício, impondo acómodos mais dignos para o dito animal.

Só o povo estava proibido de caçar

quando o fazia adiantava a desculpa da apanha de cogumelos. Tal como hoje a caça hierarquizou-se: a caça disciplinada – sumptuária, a cetraria, montarias e batidas – é feita com prazer e [até] pode dispensar a morte do animal; a caça rural, sem grandes demoras e meios, pretende que a morte do animal seja uma coisa útil e de poucos riscos físicos. Caçava-se também de acordo com o conceito de que cada espécie selvagem correspondia a uma espécie doméstica. Caçar conferia um estatuto social que fez com que os romanos enganhassem parques e viveiros destes cinegéticos animais nos seus latifúndios. A caça, sendo apanágio de homens livres e de homens de armas, era a diferença social entre senhores e servidores – monopólio de ricos e poderosos que advogavam que a caça era carne que engordava e dava força. A carne de talho seria assunto de provisão popular. Deixemos os romanos e congéneres

acheguemo-nos a terras de Trallosmontes

onde o comodismo caseiro, as orações ao divino para que lhe poupe as colheitas, as dízimas aos senhores dos morgadios, lhe intentaram a perda de liberdade, quer pelo pavor das más-vontades do sobrenatural quer pelo medo às sanções senhoriais ou ainda pelos impostos revolucionários. Não admira, por isso, que a caça fosse considerada um luxo inútil para o abastecimento diário ou no discurso de muitos cidadãos de pensamento exaltado uma matança gratuita. O que não aceito é que outros mais tacanhos cataloguem este acto venatório como um prazer cruel, praticado com violência e sem respeito à vida animal. Tivessem estes pensantes, demasiado distraídos para o trabalho agrícola, o prazer da seara e das hortas ou a necessidade da criação e entenderiam a arrelia dos camponeses. A caça deve ser compreendida – prioritariamente – como factor de equilíbrio ecológico e não só como prazer social ou acto de protecção colectiva [...] Hoje, o que outrora foi um recurso de penúria para o camponês, é uma potencialidade local para a economia turística. Será pois uma condição promitente à valorização das regiões, um apetite ao consumo do território. A par das glórias locais, dos cantares e danças tradicionais, dos dialectos e histórias dos saberes, dos monumentos do passado, da paisagem natural ou humanizada, das especialidades culinárias, a caça pode ser o despertar do campo, o reencontrar e perpetuar da memória – a indústria do dirigir o passo, orientar o olhar e consolar o estomago. Por último, presumindo desta meditação direi que o povo caçou





para sobreviver e teve que ser astuto, depois foi obrigado a contemplar quem caçava e perdeu a liberdade em favor do poder, a seguir iniciou-se a observar maliciosamente os que queriam caçar. Agora auspicia que grupos de convivas e cães agitados avassalem os campos, se apoderem dos trilhos dos montes na procura da caça ainda possível e renunciem o reanimar do tecido económico local.

Vem aí a chicha. Agora é que vamos comer!

Intento agora as minhas preferências meditativas no sentido do prazer gastronómico e das tradições da cozinha transmontano-duriense [...] Como sempre se caçou de tudo o que fosse possível, desde que o tamanho pagasse o chumbo e a pólvora ou a necessidade o exigisse, engrossou-se o nosso receituário com perdizes, lebres,

coelhos, patos bravos, galinholas, narcejas, pombos, rolas, tordos (...) raposas e javalis. Desenvolveram-se comeres infundáveis, tantas vezes associados a lendas de mouras encantadas, outros de feitiços crentes, redescobertas familiares, quase todos de preparação mortificada para que a carne amaciasse e o besunho desaparecesse. Se não resultaram de criatividade própria, são, com certeza, de origens arabizadas, galaicas, castelhanas ou leonesas. São os caldos de perdiz com farrapos de nabijas – sopa rica de outono-inverno em casa de caçador rural vinhaense – as canjas de pombo bravo que os mirandeses dizem ser sopa para doente rico, as sopas de coelho – a sopa eleita para comemorar o dia de abertura da caça em casas afidalgadas bragançanas.

O coelho, cortado aos cibos, repousava numa surça de vi-



inho branco e água fresca, com grãos de pimenta preta, cebola cortada aos quartos, folhas de louro e dentes de alho picados; ia para uma cozedura lenta nas águas da marinada e servia-se em cima de fatias de pão fritas em azeite.

São as populares sopas de caldeiro freixenistas à base de pão, batata e da caça disponível, as empadas de perdiz de mero aproveitimento e os pastelões ou empadões de caça em muitas quintas durienses, a perdiz dita à moda do Douro e de escabeche, a galinha e galinhola encantadas

a bragançana galinhola afidalgada com uma molhada de tomilho de recheio, barrada com uma pasta de mel e pimenta preta moída, e a galinhola em martírio – receita atribuída à família de Ayres da Castanheira (Vidago, 1826-1905), pelo que me transmitiu a M^a João Lino – conseguida

em “brasas pouco espertas”, sem pinga de azeite mas uma boa bica de manteiga barrosa, são das confecções galináceas que mais admiro

o magriço coelho bravo com arroz de carqueja em Penedono, o coelho do monte e o faisão à moda da tabuacense Adega da Tarraxa ou o coelho bravo à Monsenhor e o faisão com castanhas com que a Dona Ana Maria Baptista do Solar Bragançano arrebatava pasmos e momentos de assombro, o coelho frito e a coelhada à moda da bruxa de Valpaços

são várias as receitas assacadas a esta famosa “bruxa”, nascida no século XIX e mais conhecida pelas suas qualidades gastronómicas que pelas feitiçarias. A sua arte de cozinhar espalhou-se rapidamente por todo o Trás-os-Montes. Realidade ou mito? Mito, certamente.



o caçapo roubado confeccionado no campo nos dias de caça, a lebre estufada e o arroz de lebre, as muitas lebradas de arranjo familiar

as lebradas que as cozinheiras refugiadas da guerra civil espanhola deram a conhecer às casas dos raianos nordestino-durienses que as acoitaram. É só perguntar aos antigos contrabandistas daquelas arrojadas e aflitivas trocas comerciais nocturnas! São as lebradas castelhanas que assumiram tradição para os domingos de vindima em casas mais enricadas como lebrada das vindimas. Nos termos lamecenses, os quinteiros avantajavam-se preferencialmente com uma coelhada – o coelho das vindimas – que, além de outras particularidades no preparo, como cozinhá-la em mosto de vinho tinto, levava um bom recheio de bagos de uvas brancas salpicados de pimenta preta

a simplicidade da perdiz em rojão dos mirandeses e assada à moda dos galegos, os pombos afogados no vinho e os borrachos da vindima, os tordos de aguardente ou assados de peito aberto na brasa, as costeletas de javali no pote e o javali de romaria no caldeiro, o pernil de raposa no espeto que os

montesinos faziam como se tratasse de uma perna de cabrito... as narcejas

quando as havia e o caçador lhe botava o chumbo certo, esta ave bicuda e de voo meio atabalhoado era adobada de azeite à mistura com banha de reco, na ida ao forno, e temperada de aguardente e uma esmagada de bagas zimbriais, a meio da cozedura

as paspalhaças em martírio, os impressionantes peitos de rola à moda do Morgado de Mateus ou as costeletas de veado que o académico Visconde de Vilarinho de S. Romão disse serem “à Jaime de Albuquerque” (...) das fresquitas merendeiras em guisado de qualquer caça apanhada no próprio dia às antigas fritadas dos passarinhos vendidas porta a porta nos tempos da guerra [...] E os tordos assinalam o perpetuar da apanha da azeitona! Talvez, mas não pelos seus apetites azeitoneiros! Para o agricultor são larápios, para o caçador, alvos de prazer e para os gastrónomos, conforto dionisiaco. Nas brasas, às vezes logo por cima delas, abertos ao meio, só com uma pitada de sal e regados na travessa com um molho queimoso, também as



fritadas em azeite e o arroz deles num bom refogado, são o correntio culinário desta pequena ave migratória. Comer de simplotes e de trabalhadeira escusada para quem não os queira depenar. Muita outra caça de penas – da rola ao pato bravo ou do tralhão à paspalha, de chumbo ou de armadilha – também faz o gosto ao improviso gastronómico e, por aqui, ainda abunda, arreigando-se desde sempre nos nossos hábitos alimentares. Apenas ficaram de fora aqueles passarecos que de tão pequenos que são não mereciam o trabalho do arranjo ou outros que ganharam algum misticismo e repúdio ao abate.

Este saber é comida de homem! (...) O mais importante é a caça dos restolhos. As vagens e os cornipos dos rasteiros até se dispensam!

Antigamente, a caldeirada à ribeireiro receita sempre inacabada, era preparada num caldeiro – colocado na fogueira que se fazia numa poça à beira do rio Douro ou da ribeira da Vilariça – com a caça vil mais utilitária, os produtos das hortas dos barrais e a arte de cada ribeireiro [...] Com as actuais condicionantes da caça e res-

trições ambientalistas, a perdiz e o coelho bravo são muitas vezes substituídos pelo frango e o coelho manso – o coelho gatorro! – ainda assim de paladar apurado que justificam a gratidão deste manjar campestre. Bem! O ideal é que nunca lhe falte uma boa charrela.

Depois de amanhar o que o caçador de serviço conseguir arranjar e as vagens tenras das chicharreiras, leve a cozer numa panela com bastante água e deixe cozer bem. Junte-lhe presunto às tiras e sal de acerto, uns nacos de chouriça gorda, malaguetas, ficando tudo a [re] cozer mais um pouco. Quando as carnes estiverem macias, desosse-as e desfie-as o melhor possível; na calda da cozedura deite metade de pão trigo e outra metade de pão centeio, previamente fatiado, e deixe apurar; volte a pôr as carnes já desfiadas, regue com azeite cru, mexa bem e rectifique os temperos. Se a disponibilidade hortaleira for de fartura, acrescente de pimentos e/ou tomates (...)

Oxalá esta meditação resulte num regresso ao imo dos segredos da caça, aos ecos da origem e ao benefício da mesa de outros tempos. Que os recitais sejam sempre melódicos!



António Manuel Monteiro
Engenheiro Agrónomo

| SAÚDE E BEM ESTAR

Teatro e Saúde Mental



© Joana Saboeiro | Grupo de Teatro Terapêutico

O Teatro é uma forma de Arte milenar. Desde o início da Humanidade o Teatro sempre teve ligação com a então dita “loucura”, havendo evidências de produções teatrais em asilos europeus, com os doentes internados, nos fins do século XVIII e início do século XIX. Só no século XX começam a ser exploradas pela Ciência, as possibilidades terapêuticas do Teatro, como uma ferramenta importante na melhoria do funcionamento psíquico e social, potenciando e complementando o processo de recuperação pessoal nos portadores de doença mental. A presença do Teatro nos hospitais psiquiátricos expandiu-se traduzin-

do uma mudança de paradigma na área da Saúde Mental, iniciando uma alteração na forma como era visto o Teatro, de recreativo como forma de entretenimento, em exclusivo, à possibilidade de técnica psicoterapêutica.

A doença mental, como modelo biomédico, é atualmente caracterizada como desequilíbrios neurobioquímicos e vulnerabilidades genéticas combinadas com fatores individuais e ambientais, incluindo sociais e culturais. Na sociedade atual a doença mental ainda é alvo de estigma externo e de autoestigma em que o preconceito internalizado se manifesta como vergonha, sofrimento, solidão



© Joana Saboeiro | Grupo de Teatro Terapêutico

e isolamento, apesar dos avanços na área da Saúde Mental nas últimas décadas.

A Saúde Mental é de enorme relevância social e individual. O Teatro desafia estereótipos negativos, comportamentos discriminatórios, conceitos e perceções sociais sobre a doença mental, contribuindo para a construção de uma narrativa alternativa à disseminada pela sociedade.

O Teatro, como forma de manifestação artística estimula a criatividade e a espontaneidade exigindo expressão corporal, desenvolvimento de saberes físicos e mentais, permitindo aos protagonistas explorar as suas emoções, os seus sentimentos, os seus conflitos internos, a reflexão

sobre as suas próprias experiências e desempenhos, ser e fazer diferente, funcionando assim como meio facilitador de mudança psicológica e emocional, bem como gerar mudanças e combater ativamente o estigma da doença mental na sociedade. O desenvolvimento de relações interpessoais, o aumento da autoconfiança, da autoestima e de autoeficácia, a quebra do isolamento, da exclusão, da solidão e da marginalização, o aumento da sociabilização, o fortalecimento de relações pré-existentes e a diminuição da internalização do estigma favorece uma melhor saúde psicofisiológica. O desenvolvimento de competências como a autonomia, o pensamento crítico, a criatividade,

a imaginação, a responsabilidade e o trabalho em equipa, possibilitam uma consciencialização social com novas formas de olhar para si próprias e para o mundo.

Exemplos como o Grupo de Teatro Terapêutico do Hospital Júlio de Matos (atual Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa - CHPL) criado em 1968, são de realçar. Os atores e atrizes, como doentes, são acompanhados pelos profissionais de Saúde e profissionais das Artes Cénicas, na construção e na apresentação das peças de teatro ao público, integrados num processo terapêutico.

Igualmente, é de assinalar projetos e iniciativas artísticas comunitárias, com apoio da Fundação Calouste Gul-



© Joana Saboeiro | Grupo de Teatro Terapêutico

benkian em parceria com a Fundação “la Caixa” (Partis & Art for Change), atividades onde são patentes os benefícios no combate ao estigma da doença mental. Tomemos, como exemplo, o Projeto SenteMente onde mulheres com problemas de saúde mental e outros fatores de vulnerabilidade, encontraram no Teatro uma forma de expressão individual, abordando temas de depressão, racismo e violência entre outras. Muitos outros projetos e atividades são uma realidade, nos mais diferentes ambientes e locais, desafiando e superando limitações e dificuldades, sempre com o objetivo de contribuir positivamente para a melhoria da Saúde Mental.

As Artes e as práticas artísticas, como o Teatro, têm um comprovado benefício, como terapias valiosas e eficazes na promoção da Saúde Mental e bem-estar da população. Várias particularidades do Teatro determinam uma importância acrescida para a Saúde Mental. Sendo uma atividade de grupo promove o incremento das relações interpessoais, estabelecendo um sentimento de pertença a grupo, de comunidade e de cidadania. O impacto do Teatro, como Arte expressiva, que pela sua própria natureza pressupõe a comunicação, evidenciam relevância significativa na abordagem ao funcionamento psíquico, à doença mental e à saúde mental.

A Arteterapia é uma profícua união entre a cultura e a Saúde Mental. As Artes performativas têm potencialidades expressivas, como instrumento de comunicação e de sensibilização com capacidade de produzir conexões emocionais e contornar barreiras comunicacionais, através das diferentes linguagens e literacia emocional, para além da sua dimensão individual como ferramenta de desenvolvimento psicológico, cognitivo e social das pessoas com doença mental.

Considerando, de uma forma global, esta temática, é de registar que a União Europeia (EU) adotou uma abordagem abrangente da Saúde Mental, em junho de 2023, orientada no sentido de dar prioridade à prevenção, reconhecendo que a Saúde Mental abrange, de forma significativa, muitos domínios de intervenção, tais como o emprego, a educação, a investigação, a digitalização, o urbanismo, a cultura, o ambiente e o clima. Esta abordagem transetorial e multidisciplinar visa equiparar a Saúde física à Saúde Mental. Reconhecendo, igualmente, a relevância, amplitude e vastidão dos desafios da Saúde Mental, a EU propõe-se a ajudar os Estados-Membros a implementarem medidas específicas e a continuar a investir nas reformas dos cuidados de Saúde Mental e dos sistemas de Saúde, bem como combater o estigma e a discriminação em torno da Saúde Mental.



Eduarda Oliveira
Médica Pneumologista



R E A L C E S

E X P O S I Ç Ã O T Á T I L
E M O Ç Õ E S

Envolver as pessoas cegas ou com baixa visão no universo das artes

realces.pt

Inauguração 28 de outubro



Torres Vedras
Câmara Municipal



aild
associação internacional
dos lusodescendentes

liki's
INCLUSIVA

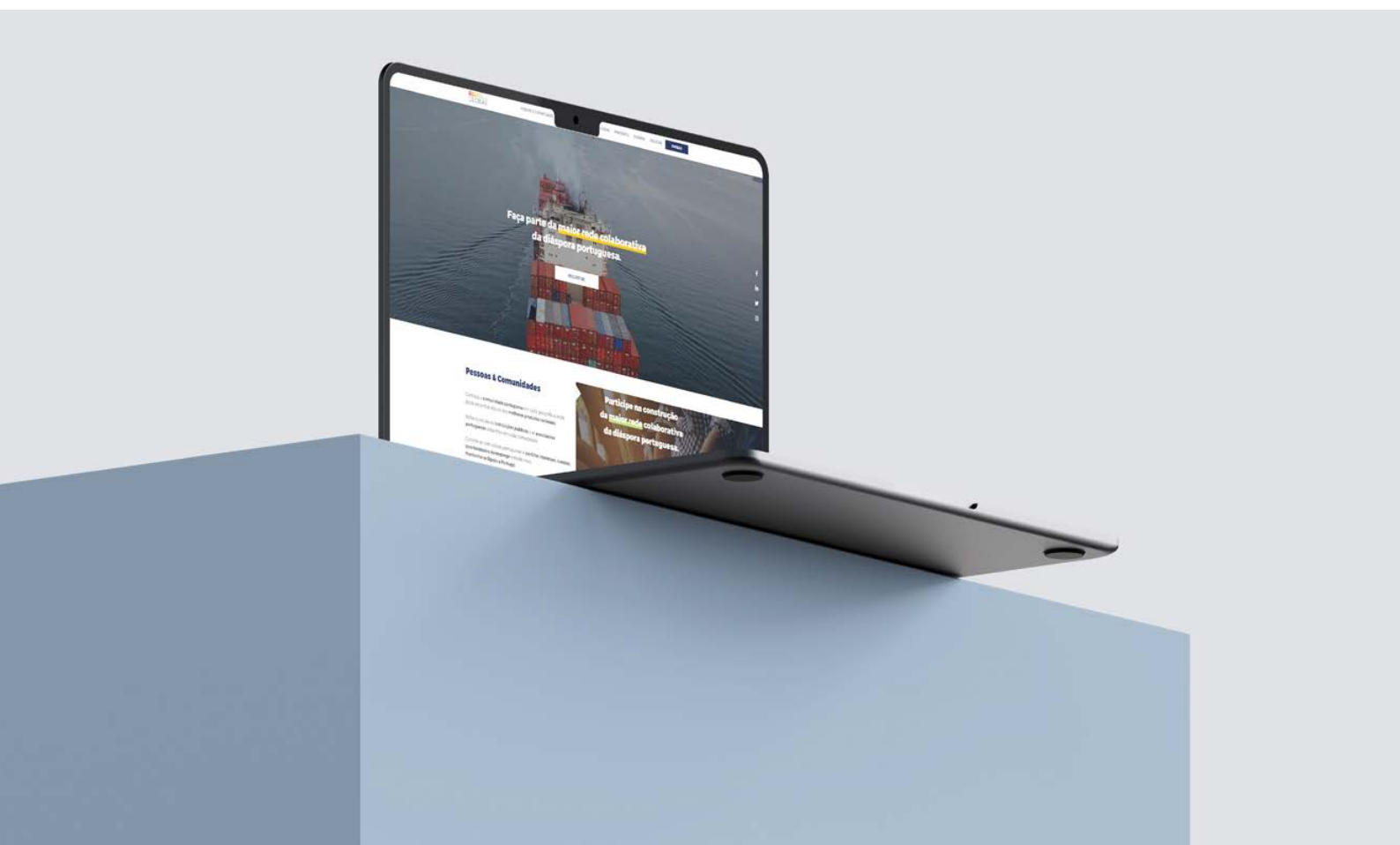


Universidade do Minho
Faculdade de Arquitetura, Arte e Urbanismo



Laboratório de Paisagens,
Património e Território

Câmara Municipal de Torres Vedras



FUNDAÇÃO AEP

Novos contributos para o incremento da dimensão estratégica da diáspora portuguesa

Num caminho de persistente inovação e criatividade, a Fundação AEP está a lançar uma nova geração de ofertas e instrumentos para a diáspora portuguesa.

Tendo por base os pressupostos que presidiram à sua criação, a Rede Global da Diáspora 3.0, alinha objetivos de acordo com a nova Estratégia Portugal 2030, corporizada numa agenda de prioridades no respeito dos princípios orientadores de uma Europa mais sustentável até 2030, em resposta aos desafios sociais.

Neste novo quadro, o foco da abordagem estratégica está

nas pessoas, na digitalização, na inovação e qualificações como motores do desenvolvimento, na transição climática e sustentabilidade dos recursos, e na construção de um país competitivo externamente e coeso internamente, com o qual a Rede Global se encontra totalmente alinhada e comprometida.

Por outro lado, a definição dos objetivos estratégicos teve em consideração a visão espelhada no Programa do atual Governo, recentemente empossado, que considera a Diáspora como um ativo com enorme potencial para alavancar

a economia nacional, quer ao nível das exportações, quer ao nível da atração de investimento e mobilidade (atração) de capital humano. A definição dos mercados estratégicos no âmbito deste projeto teve ainda em consideração a atual situação de grande instabilidade geopolítica que assistimos na Europa e no Médio Oriente, à qual se associa a elevada incerteza no futuro quadro governativo dos EUA, fatores que têm impacto evidente nas economias globais e nos circuitos de comércio internacional.

Em face do exposto, a construção da Rede Global da Diáspora 3.0 tem em consideração os seguintes objetivos estratégicos:

- Afirmar a Diáspora como um ativo estratégico na promoção das exportações nacionais e na geração de negócios globais, sem descurar o potencial de atração de investimento e da mobilidade de RH altamente qualificados, abrindo horizontes internacionais às PME nacionais. De referir que o tema já consta da agenda política, para o que muito contribuiu os resultados alcançados com as anteriores edições;
- Colocar a Rede Global da Diáspora ao serviço da economia nacional, incentivando a adesão crescente de outros parceiros que possam ver na plataforma um veículo interessante de acompanhamento, comunicação ou interação com a Diáspora. Para o efeito, será necessário proceder a um upgrade da plataforma, tornando-a mais atrativa e funcional, com forte apelo às novas soluções tecnológicas digitais, assim como alargar o leque de mercados onde a nossa diáspora está presente com visibilidade e poder de influência e capacitar a rede dos media e opinion makers da nossa diáspora para a promoção concertada da oferta nacional;

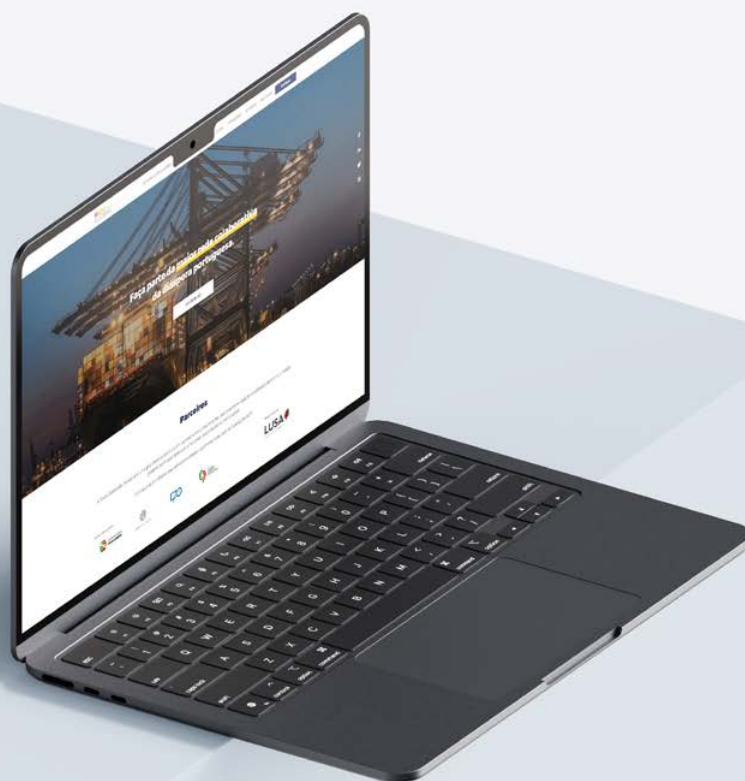
- Promover um exemplo de inovação na cooperação entre entidades associativas de diferentes setores de atividade, protagonizando um exemplo de eficiência na concretização de projetos estruturantes e com interesse coletivo, financiados com apoios públicos nacionais e comunitários. Neste âmbito, a Fundação AEP assume-se como instituição supra-associativa, capaz de juntar múltiplos atores, públicos e privados, em torno da temática da Diáspora, e desta forma rentabilizar os investimentos que estão a ser aplicados;

- Contribuir para as medidas de política pública no domínio da internacionalização da economia, como resposta aos desafios temáticos e societais, em particular o que prevê a construção de uma Europa num Mundo em Mudança. Neste aspeto, o projeto Rede Global da Diáspora 3.0 enquadra-se transversalmente na Estratégia Portugal 2030 e respetivas Agendas temáticas, corporizadas no Acordo de Parceria e por conseguinte, no Compete 2030, designadamente no objetivo estratégico 1 – Portugal + competitivo e 3 – Portugal + social.

Este cenário estratégico conduz-nos à definição de um conjunto de objetivos operacionais cujo alcance será materializado num quadro de atividades incrementais, inovadoras e complementares às iniciativas desenvolvidas nos projetos anteriores e que acrescentam elevado valor à Rede Global da Diáspora. São eles:

- 1 – Proceder a uma atualização da plataforma online que suporta a Rede Global da Diáspora, fazendo um upgrade no design, na arquitetura base e no alojamento web, com vista a aumentar a atratividade e eficácia, em face da evolução tecnológica ocorrida nos últimos 5 anos;





2 – Construir um aplicativo de software (APP) que permita facilitar o relacionamento entre os membros da plataforma (empresários portugueses e da diáspora), com recurso a dispositivos móveis;

3 – Consolidar o relacionamento institucional e empresarial nos mercados do EUA, Canadá e Brasil, através de uma missão a esses mercados que permita reforçar a qualidade percebida pelas comunidades empresariais portuguesas sobre a oferta nacional;

4 – Promover o relacionamento empresarial com os empresários da diáspora tirando partido do potencial da Rede de Câmaras de Comércio e Indústria, através de um roadshow nacional que proporcione a criação de sinergias de cooperação e/ou prospeção nos mercados respetivos;

5 – Apostar na diversificação e alargamento da Rede Global da Diáspora em novos mercados, onde existe uma forte comunidade de portugueses empresários, tais como Macau, Países Nórdicos (Suécia, Dinamarca e Noruega), Cos-

ta Oeste dos Estados Unidos da América e África do Sul, através da realização de ações de ativação nesses países;

6 – Organizar Roteiros Industriais com visita a empresas em território nacional, dirigidos aos mais relevantes compradores/distribuidores/importadores da Diáspora, em três fileiras onde existe uma maior influência portuguesa ao nível empresarial: Agroalimentar, Arquitetura, Engenharia e Construção e Lifestyle (Moda e Casa);

7 – Desenvolver uma forte campanha de marketing digital, suportada na componente de social media e google, capaz de atrair novos membros para a plataforma, individuais e empresariais;

8 – Capacitar os media da diáspora para a importância do seu papel na promoção da oferta nacional junto das comunidades portuguesas e não só, através da definição de um conjunto de linhas orientadoras que possibilitem uma atuação concertada e alinhada com as políticas públicas de internacionalização da economia.

É emigrante



Este concurso é para os seus filhos

Mais informações:

asminhasferias.pt

aild.pt



PELA LENTE DE

Helena Corrêa de Barros



© Simplicidade [Década de 1950] PT/AMLSB/HCB/001/000001



© Shadows [Sombras.195-] PT/AMLSB/HCB/007/000004



© [Lavadeiras. 195-] PT/AMLSB/HCB/001/000028



© Auto-Fotografia PT/AMLSB/HCB/001/000035

arquivo municipal de lisboa
fotográfico



© La piscine. Rue S. Bernardo. [1950] PT/AMLSB/HCB/007/000804



© [Festa dos Tabuleiros. Tomar.1954] PT/AMLSB/HCB/007/000941



© Cruzeiro às Canárias. Madeira. [1962] PT/AMLSB/HCB/007/000957



© Chegada do Presidente. [Presidente Américo Tomaz. 1963] PT/AMLSB/HCB/007/001009



© Passeio... [Suíça. 1968] PT/AMLSB/HCB/007/000968



© Cruzeiro do Sul: Viagem ao Brasil [ponte sobre o rio Tejo] PT/AMLSB/HCB/007/001060

O Arquivo Municipal de Lisboa/Fotográfico acolheu o fundo fotográfico de Helena Corrêa de Barros através de uma doação dos seus herdeiros, em 2003, e apresentou a exposição Helena Corrêa de Barros – Fotografia, a minha viagem preferida, entre 2018 e 2019.

Helena Margarida Buzaglo Abecassis Corrêa de Barros nasceu em Lisboa a 25 de fevereiro de 1910, no seio de uma família judaica com ramificações nos Açores e em Inglaterra e faleceu a 26 de maio de 2000, em Lisboa. Era a filha mais nova de Fortunato Carlos Bensaúde Abecassis (1875-1940) e de Sophia Amzalak Buzaglo Abecassis (1881-1955). Helena e os dois irmãos, Henrique Isaac Buzaglo Abecassis (1903-1975) e Eduardo José Buzaglo Abecassis (1906-1952) faziam parte da quarta geração de Abecassis radicados em Portugal, oriundos da diáspora de Marrocos.

O pai tinha nacionalidade inglesa e foi vogal e tesoureiro da comunidade israelita de Lisboa. Continuou a empresa comercial Abecassis (Irmãos) e C^a, que se dedicava à exportação e comercialização de adubos químicos e orgânicos e, mais tarde, expandiu-a, com a fusão Buzaglos e C^a. Durante a sua geração a empresa dos Abecassis passou a dedicar-se à indústria em Portugal com a Luselite-Sociedade Portuguesa de Fibrocimento, a Sociedade de Perfumarias Nally, a Companhia de Seguros Mundial e a CEL-CAT.

A mãe tinha nacionalidade inglesa, foi membro da Organização Internacional de Mulheres Sionistas, inspirada no trabalho desenvolvido pelo Instituto Rockefeller e fundou o Centro de Assistência à Maternidade e Infância.

Helena casou com Eduardo Costa Lobo Corrêa de Barros (1912-2000), no dia 4 de abril de 1937. Deste casamento nasceram quatro filhos: Margarida Corrêa de Barros (1938), Teresa Corrêa de Barros (1939), Manuel Corrêa de Barros (1941-



© Madeira. 26-XII-71 PT/AMLSB/HCB/008/001325



© Sologne, grupo na caçada. [1972] PT/AMLSB/HCB/008/001346



© Suíça. Julho 1948 PT/AMLSB/HCB/008/001532



© Envolée. Debandada, 1950 PT/AMLSB/HCB/001/000112



© Leisure [Lazer. Década de 1950] PT/AMLSB/HCB/001/000108

2004) e Sofia Abecassis Corrêa de Barros (1942).

Helena Corrêa de Barros é o exemplo perfeito da fotógrafa amadora, dedicada à prática fotográfica e exímia no domínio da técnica. A escolha da máquina fotográfica Leica, que a acompanhou toda a sua vida e do registo em diapositivo a cores durante mais de 50 anos (1947-1999), mostra bem a fotógrafa “sempre à frente do seu tempo” e “sempre com um olhar para o futuro”. Também participou em exposições nacionais e internacionais promovidas pelos concursos fotográficos com imagens a preto e branco, tendo sido sócia do Fotoclube 6x6.

Em 1955, apresentou um texto na rubrica *A minha fotografia preferida*, publicado na revista *Fotografia – Revista ao Serviço da Arte Fotográfica*, no qual referiu:

«Desde pequena que a fotografia foi para mim o passatempo mais agradável. Nunca fiz nenhuma viagem sem levar a máquina comigo e, muitas vezes, o prazer maior era o de poder tirar fotografias: se, por qualquer motivo, me não era possível fazê-lo, o passeio não tinha para mim o mesmo encanto. No entanto, só fazia fotografia documental ou descritiva das viagens, de flores e plantas, mais tarde dos meus filhos, sem me preocupar grandemente com a perfeição; só há pouco mais de um ano comecei a interessar-me pela “Fotografia de Salão” ou “Artística” [...]»

A doação, para além de perpetuar a memória da família e amigos, contribui para o enriquecimento do Arquivo e para a história da fotografia em Portugal, bem como para as ciências sociais como património coletivo.

O presente texto foi baseado na publicação *Helena Corrêa de Barros: fotografia, a minha viagem preferida*. Lisboa: Câmara Municipal, 2018. ISBN 978-989-99505-7-3.



PROGRAMA REGRESSAR

Cristina e Luís

Decidir emigrar foi difícil, passados 12 anos a decisão de regressar foi igualmente fruto de maior reflexão. Afinal não éramos somente 2... Mas sim uma família!

Que motivos vos levou a sair de Portugal em 2010?

Um canudo e muitos sonhos...

Entreguei currículos de norte a sul do país, não obtive nenhuma resposta positiva. Com o curso de Enfermagem nunca pensei ver dificuldades em encontrar o meu 1º emprego, ainda trabalhei numa caixa de supermercado durante um tempo, mas não estava conformada em não trabalhar na minha área. Ainda tenho o bilhete com que parti... 25 de Novembro 2010, o voo saiu atrasado porque

já estaria a nevar no aeroporto de chegada.

Foi difícil a adaptação num novo país? Como foi essa experiência de viver durante 12 anos na Suíça?

Foi difícil, sair de casa, do nosso país, de perto dos nossos! Hábitos, culturas, paisagens, ... tudo era diferente. Mas fomos sempre bem recebidos e integrados, há um espírito de entre-ajuda entre a cultura portuguesa e com outros emigrantes, afinal sentimos todos o mesmo quan-



do estamos na mesma situação. Mas somos muito gratos por toda esta experiência tanto pessoal como profissional, voltamos com 12 anos de bagagem muito enriquecedora.

O que vos fez regressar a Castelo Branco?

Os tempos COVID foram potencializadores, não pudemos viajar para junto dos nossos quando sentíamos a necessidade, o facto de ter 2 filhas que queríamos que crescessem no meio da nossa cultura portuguesa, perto dos avós e primos, e apesar de estarmos bem lá fora, a saudade de Portugal puxava-nos sempre para Castelo Branco.

Que papel teve o Programa Regressar nessa decisão?

Descobrimos o programa depois da nossa decisão, quando estávamos a pesquisar sobre todas as burocracias necessá-

rias para regressar. Foi uma ajuda muito boa, de fácil acesso e que nos pôs mais a vontade neste procedimento moroso de instalação em Portugal.

Felizes com este regresso a Portugal?

Sim, de volta a mais uma mudança também não foi fácil! É sempre necessário uma adaptação, abalamos solteiros, voltamos uma família de 4 elementos. Mas ser Português em Portugal torna tudo mais fácil e o nosso interior é muito agradável para viver.

O programa Regressar deseja-vos muitas felicidades neste regresso e muitos sucessos!

Programa Regressar



José Albano
Diretor Executivo do PCRE



| FALAR PORTUGUÊS

«Beijinho grande» é erro de português?

Não. E pronto, é só isto.

Estou a brincar. É claro que não é só isto.

Vejamos a suposta lógica de quem acha que a expressão é

erro: «beijinho» é diminutivo, logo não pode ser grande.

Ainda agora encontrei este argumento num artigo publicado num jornal nacional. Antes de mais, sem sair da lógi-

ca literalista que acha que um beijinho tem de ser um beijo pequeno, a verdade é que podemos ter beijinhos maiores do que outros e, por isso, uns podem ser grandes e outros pequenos — mesmo que todos (grandes e pequenos) sejam menores do um beijo, assim, sem diminutivo.

No entanto, a questão nem é essa... «Beijinho» é uma palavra que surgiu a partir do diminutivo de «beijo», mas — como é hábito das palavras (essas safadas) — ganhou um significado ligeiramente diferente: um beijinho tende a ser um beijo na face. No fundo, o beijinho é um tipo de beijo. E esse beijo na face pode ser pequeno, grande ou assim-assim. Até pode ser um beijo no ar, vejam lá bem.

Depois — e como é que o inventor deste erro não se lembrou disto? — o diminutivo em português também serve para imprimir uma conotação carinhosa (digamos assim) ao que estamos a dizer. A minha casinha pode ser uma casa a dar para o grandinha. Aliás, pela lógica de quem não

gosta de «beijinhos grandes», «grandinha» ou «grandito» ou «grandinho» seriam palavras a raiar o absurdo. Ele tem um cantinho só dele lá em casa — e é bastante grande, esse cantinho... O meu filhinho está muito grande — cada vez maior!

Enfim. Sou só eu — ou esta mania de enfiar as expressões da língua numa lógica arrumadinha é muito redutora? Ainda por cima quando se trata de beijos, beijinhos e abraços?

Qualquer dia ainda me dizem que não posso usar a expressão «abraços», porque, no fundo, damos apenas um, no singular? E os cumprimentos, para quê dizer «sinceros»? Há assim tanto perigo de estarmos a mandar cumprimentos mentirosos?

Deixemo-nos destas tretinhas.

Divirtam-se e... beijinhos grandes!



Marco Neves

Universidade Nova de Lisboa

| FISCAL

Teletrabalho **Parte II**



O sucesso do Teletrabalho depende do grau de responsabilidade de um trabalhador, se um trabalhador já não trabalha quando está no seu local de trabalho, é pouco provável que o faça longe, em teletrabalho.

É preciso ser muito criterioso para escolher os trabalhadores que poderão estar em teletrabalho. No entanto, poderá existir pessoas que vejam nessa escolha formas de discriminação...

Nem todos os trabalhadores serão produtivos e capazes de gerir a flexibilidade no emprego do seu tempo. É certo de que alguns trabalhadores até poderão ser mais produtivos. O que é certo é que nem todos produzem os mesmos resultados.

Existem trabalhadores em que a falta de supervisão direta, por não ter condições adequadas em casa ou por distrações e

difficultades em manter uma rotina estruturada resultaram em quedas significativas de produtividade. Em alguns casos, maus funcionários aproveitaram-se da flexibilidade para diminuir o ritmo de trabalho ou até para negligenciar suas responsabilidades.

Por vezes a gestão do teletrabalho levanta tantos problemas que muitas empresas a reconsiderar o teletrabalho como uma prática padrão, especialmente quando não há mecanismos eficazes de monitoramento e avaliação de desempenho, não esqueçamos a paranoia atual da proteção de dados. A dificuldade em garantir que todos os funcionários mantenham um nível adequado de produtividade pode minar a confiança das empresas nesse regime de trabalho, levando a um retorno parcial ou total ao trabalho presencial.

O teletrabalho exige uma transformação das empresas, pois sem uma adequada monitorização da produtividade, as perdas poderão ser muito significativas. Atualmente, já podemos encontrar soluções que permitem a um trabalhador em teletrabalho simular que está a trabalhar....

O teletrabalho, apesar de seus benefícios evidentes, não é uma solução universal e depende muito da disciplina individual dos funcionários e da capacidade de gestão das empresas. As organizações que encontram dificuldades em manter a produtividade no regime de teletrabalho podem optar por adotar sistemas híbridos ou retornar ao modelo tradicional, buscando um equilíbrio que favoreça tanto a eficiência quanto a satisfação dos colaboradores.



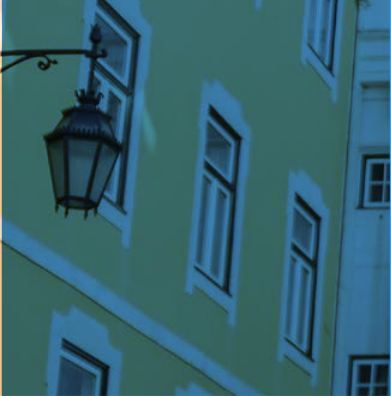
Philippe Fernandes
CEO Cisterdata



Pronto para tornar sua marca inesquecível?
A Amostra de Letras tem experiência e criatividade para ajudar a sua marca a causar um impacto duradouro. Deixe-nos ajudá-lo a expandir os seus negócios e a posicionar-se no mercado.

Entre em contacto para discutir o potencial da sua marca.
info@amostradeletras.pt

amostra
deletras.pt



Portugal is a perfect destination



You can live better with less money, enjoy a superior quality of life and experience a vibrant and diverse culture.

Get your
number
one agency

Ei![®]
Assessoria
Migratória

eimigrante.pt